

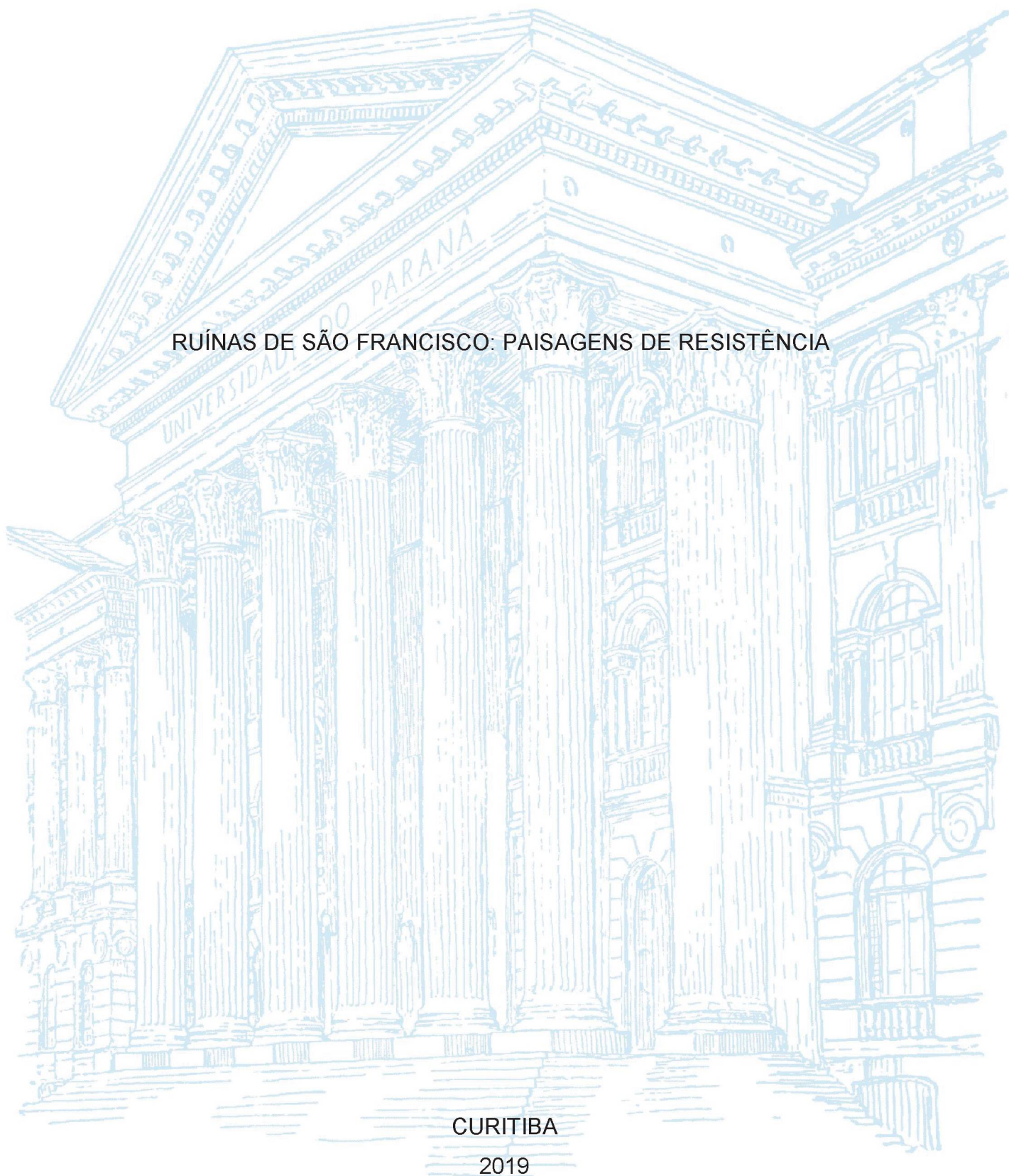
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

POLIANA TEIXEIRA DA FONSECA

RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO: PAISAGENS DE RESISTÊNCIA

CURITIBA

2019



POLIANA TEIXEIRA DA FONSECA

RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO: PAISAGENS DE RESISTÊNCIA

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Salete Kozel Teixeira

CURITIBA

2019



Catálogo na Fonte: Sistema de Bibliotecas, UFPR  
Biblioteca de Ciência e Tecnologia

---

F676r                      Fonseca, Poliana Teixeira da

Ruínas de São Francisco: paisagens de resistência [recurso eletrônico]  
/ Poliana Teixeira da Fonseca, 2019.

Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia,  
Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná  
Orientador: Prof(a). Dr(a). Salete Kozel Teixeira

1. Ruínas de São Francisco – Curitiba (PR). 2. Ruínas de São  
Francisco - história. I. Universidade Federal do Paraná. II. Teixeira,  
Salete Kozel. III. Título.

CDD 6 726.5

---


Bibliotecária: Vilma Machado CRB9/1563

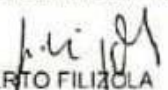
**TERMO DE APROVAÇÃO**


Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em GEOGRAFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **POLIANA TEIXEIRA DA FONSECA**, intitulada **RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO: PAISAGEM DE RESISTÊNCIA**., após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca, e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 15 de Março de 2019.

  
SALETE KOZEL TEIXEIRA  
Presidente da Banca Examinadora

  
ROBERTO FILIZOLA  
Avaliador Externo (UFPR)

  
MARCOS ALBERTO TORRES  
Avaliador Interno (UFPR)

A meu avô Joaquim (*in memoriam*).



## **AGRADECIMENTOS**

À Deus.

À meus pais, por me mostrarem desde cedo o valor da educação.

À meu irmão Jorge Lucas, meu fiel companheiro.

À meu tio Gil, que é uma grande inspiração.

À Victor Murari e família, por sempre me incentivarem e acreditarem que esse trabalho é possível.

À minha orientadora, Salete Kozel pelo conhecimento compartilhado e por acreditar nas minhas ideias desde o início.

Aos meus colegas da pós-graduação, os quais compartilharam as alegrias e as angústias desse processo. Em especial a Gabriela Bortolozzo, Natalia Vaz, Jorge Carmona, Renan Bittencourt, Débora Silveira e Nathan Lima.

Aos professores Marcos Torres e Adilar Cigolini pelo auxílio prestado.

À CAPES pela bolsa concedida.

À Carla Choma do Instituto de Pesquisa e Planejamento de Curitiba, a Alex Roger do Instituto de Turismo e ao Professor Aimoré da Secretaria de Cultura, pela atenção e esclarecimentos sobre o objeto de estudo.

Às pessoas que concederam um pouco do seu tempo para a realização das entrevistas.

Enfim, a todos que de alguma forma colaboraram para a realização desse trabalho.

É verdade, pois reprimamos  
esta fera condição,  
esta fúria, esta ambição,  
pois pode ser que sonhemos;  
e o faremos, pois estamos  
em mundo tão singular  
que o viver é só sonhar  
e a vida ao fim nos imponha  
que o homem que vive, sonha  
o que é, até despertar.  
Sonha o rei que é rei, e segue  
com esse engano mandando,  
resolvendo e governando.  
E os aplausos que recebe,  
Vazios, no vento escreve;  
e em cinzas a sua sorte  
a morte talha de um corte.  
E há quem queira reinar  
vendo que há de despertar  
no negro sonho da morte?  
Sonha o rico sua riqueza  
que trabalhos lhe oferece;  
sonha o pobre que padece  
sua miséria e pobreza;  
sonha o que o triunfo preza,  
sonha o que luta e pretende,  
sonha o que agrava e ofende  
e no mundo, em conclusão,  
todos sonham o que são,  
no entanto ninguém entende.  
Eu sonho que estou aqui  
de correntes carregado  
e sonhei que em outro estado  
mais lisonjeiro me vi.  
Que é a vida? Um frenesi.  
Que é a vida? Uma ilusão,  
uma sombra, uma ficção;  
o maior bem é tristonho,  
porque toda a vida é sonho  
e os sonhos, sonhos são.

(Trecho do livro A vida é sonho de Calderón de la Barca, 1971)

## **RESUMO**

As Ruínas de São Francisco são resquícios de uma igreja datada do século XVIII que não foi concluída. Em 1811 ficaram prontas apenas a sacristia e a capela mor, contudo as pedras que finalizariam a obra foram utilizadas na reforma da Igreja da Matriz. Hoje, as Ruínas fazem parte do conjunto de patrimônios históricos da cidade de Curitiba, cercadas de lendas. O espaço das Ruínas foi revitalizado com a construção das Arcadas de São Francisco, a qual consiste na parte de baixo uma área comercial e em cima uma arquibancada ao ar livre para espetáculos. Com isso, o espaço das Ruínas se tornou favoráveis a apresentações musicais, teatrais, além de yoga e práticas esportivas. Dessa forma, o objetivo principal da pesquisa consiste em investigar como as Ruínas de São Francisco são percebidas/consideradas pela população. Essa pesquisa pautou-se na Geografia Cultural-Humanística tendo como aporte o conceito de paisagem, percepção, história e memória. O aporte metodológico desenvolveu-se a partir de uma pesquisa documental e bibliográfica com abordagem qualitativa utilizando entrevistas semiestruturadas. Identificou-se entre os entrevistados diferentes percepções em relação a paisagem das Ruínas de São Francisco: uma percepção infantil e superficial, percepção relacionada a memória, e percepção da paisagem como excluída e residual.

Palavras-chave: Ruínas de São Francisco; Paisagem; Memória; História; Percepção



## **ABSTRACT**

The San Francisco Ruins are remnants of an unfinished church dated back from the 18th century. By the year 1811 the sacristy and the main chapel were the only assembled structure. Nevertheless the stones to complete the build were assigned to reform the Matrix Church. Nowadays, the Ruins are part of the historical heritage sites of Curitiba, surrounded by folk tales. The Ruins' site was revitalized by the construction of the Arcades of San Francisco, which consist of a commercial area in the lower level and an opened grandstand for cultural events in the upper level. Thereby, the spaces of the Ruins became propitious to musical concerts, theater, as well as yoga and other sports practices. Therefore, the main objective of this research consists of investigating how the San Francisco Ruins are perceived and considered by the population. This research relies on Cultural-Humanistic Geography, based on the concepts of landscape, perception, history and memory. The methodological approach was developed from a documental and bibliographical research, focusing on qualitative proceedings, as result of a semi structured in-depth interview. Among the respondents, different insights regarding the landscape of the San Francisco Ruins were identified: child like and superficial perceptions, memory related or yet perceptions based in excluded and residual landscapes.

**Key words:** San Francisco Ruins; Landscape ; Memory; History; Perception

## RESUMEN

Las Ruinas de San Francisco son restos de una iglesia datada del siglo XVIII no concluida. En 1811, se quedaron lista sólo una sacristía y una capilla mor, sin embargo de las piedras que finalizarían la obra fueron utilizadas en la reforma de la Iglesia de la Matriz. Hoy, las Ruinas hacen parte del conjunto de patrimonios históricos de la ciudad de Curitiba, rodeados de leyendas. El espacio de las Ruinas fue revitalizado con una obra de las Arcadas de San Francisco, la cual consiste en una área comercial debajo y encima un graderío al aire libre para espectáculos. Con eso, el espacio de las Ruinas se volvió favorables a exposiciones musicales, teatrales, además de yoga y prácticas deportes. De esta forma, el principal objetivo de la investigación consiste en investigar cómo las Ruinas de San Francisco son percibidas/consideradas por la población. Esta investigación tiene aporte en la Geografía Cultural-Humanística teniendo como el concepto de paisaje, percepción, historia y memoria. El aporte metodológico desarrollado la partir de una investigación documental y bibliográfica con enfoque cualitativo que utiliza las entrevistas semi-estructurada. Se identificó entre los entrevistados diferentes percepciones en relación al paisaje de las Ruinas de San Francisco, siendo: I) percepción infantil y superficial; II) percepción relacionada con la memoria; y, III) percepción del paisaje como excluida y residual.

Palabras clave: Ruinas de San Francisco; Paisaje; Memoria; Historia; Percepción

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - ELEMENTOS DO BAIRRO SÃO FRANCISCO. ....	17
FIGURA 2 - CLUBE CONCÓRDIA NO ALTO SÃO FRANCISCO. ....	18
FIGURA 3 - RESERVATÓRIO DO ALTO SÃO FRANCISCO EM 1908. ....	19
FIGURA 4 - PRAÇA JÓAO CÂNDIDO ATUALMENTE. ....	20
FIGURA 5 - BEBEDOURO DO LARGO DA ORDEM. ....	21
FIGURA 6 - FEIRA DO LARGO DA ORDEM EM 1986 (ESQUERDA) E EM 2018 (DIREITA). ....	22
FIGURA 7 - IGREJA DO ROSÁRIO (ESQUERDA) E IGREJA DA ORDEM (DIREITA). ....	23
FIGURA 8 - LOCALIZAÇÃO DA PRAÇA JÓAO CÂNDIDO. ....	24
FIGURA 9 - RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO. ....	25
FIGURA 10 - IGREJA SÃO FRANCISCO DE PAULA EM CURITIBA. FACHADA (ESQUERDA) E INTERIOR (DIREITA). ....	27
FIGURA 11 - BELVEDERE NO ANO DE 1999. ....	29
FIGURA 12 - DESFILE CARNAVALESCO DA TERCEIRA IDADE NAS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO. ....	30
FIGURA 13 - HOMENAGEM AO DIA NACIONAL DA UMBANDA EM 2017. ....	30
FIGURA 14 - ARCADAS DE SÃO FRANCISCO. ....	31
FIGURA 15 - AQUARELA DE JEAN - BAPTISTE DEBRET. ....	35
FIGURA 16 - VISTA DE CURITIBA 1872, WILLIAM LLOYD. ....	36
FIGURA 17 - IGREJAS E TEMPLOS NOS ARREDORES DAS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO. ....	52
FIGURA 18 - PICHAGÕES E GRAFITTIS NAS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO. ....	54
FIGURA 19 - PRÁTICA DE YOGA NAS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO. ....	58
FIGURA 20 - IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE PAULA (DIREITA) E RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO (ESQUERDA). ....	59



## **LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS**

FAS – Fundação de Ação Social

IHGPR – Instituto Histórico e Geográfico do Paraná

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

UIP - Unidade de Interesse de Preservação

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I - DA IGREJA SÃO FRANCISCO DE PAULA ÀS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO: HISTÓRICO DE UMA CONSTRUÇÃO QUE DEIXOU SUAS PEDRAS PARA A MEMÓRIA .....</b>	<b>17</b>
1.1 UM RECORTE NA HISTÓRIA DE CURITIBA: O BAIRRO SÃO FRANCISCO...	18
1.2 HISTÓRIA DAS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO .....	23
1.2 PRODUÇÕES CULTURAIS QUE RESSALTAM A IMPORTÂNCIA DAS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO .....	32
1.2.1 As Ruínas de São Francisco na poesia de Paulo Leminski.....	32
1.2.2 As Ruínas de São Francisco nas artes visuais.....	34
<b>CAPÍTULO 2 - A PAISAGEM E A MEMÓRIA: PERCEPÇÕES DE UM ELEMENTO HISTÓRICO.....</b>	<b>37</b>
2.1 PAISAGEM: VALORIZAÇÃO DO PASSADO NO PRESENTE.....	37
2.2 PAISAGEM: A TRAJETÓRIA DE UM CONCEITO .....	43
2.3. AS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO À LUZ DE DENIS COSGROVE.....	50
2.3.1 A Cultura Dominante .....	51
2.3.2 A cultura alternativa.....	53
2.3.3 Tipologias de paisagem em Denis Cosgrove: interpretações das paisagens das ruínas de São Francisco. ....	56
2.4 PERCEPÇÃO E PAISAGEM.....	62
<b>CAPÍTULO 3 – DESVELANDO AS PERCEPÇÕES DAS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO.....</b>	<b>67</b>
3.1 A PESQUISA EMPÍRICA: PERCURSOS METODOLÓGICOS .....	67
3.2 AS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO NA PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS	70
3.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS .....	82
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>103</b>

## INTRODUÇÃO

As Ruínas de São Francisco<sup>1</sup> fazem parte do conjunto de patrimônios históricos de Curitiba, localizadas na Praça João Cândido. As Ruínas são remanescentes de uma igreja que não foi concluída. Hoje, o local está cercado de grades para sua preservação. Em frente, está situada uma arquibancada construída ao ar livre onde as pessoas podem assistir a eventos culturais.

Dessa forma, assistir a alguns espetáculos artísticos realizados nas Ruínas pode nos levar à curiosidade de buscar mais informações acerca de sua história. A quem se aventura por tal busca, poderá encontrar livros como o de Vera Regina Baptista disponibilizado na Biblioteca Pública do Paraná, é intitulado Ruínas de São Francisco: dois séculos de história e mito. Esse livro, expõe inquietações semelhantes a problemática que impulsionou esta dissertação<sup>2</sup>, embora apresente uma perspectiva histórica e iconográfica.

Assim, surgiram os questionamentos: por que as Ruínas de São Francisco permanecem? Qual a percepção da população sobre as Ruínas de São Francisco? E que memórias foram e são adquiridas a respeito deste espaço?

Para Baptista (2004), as Ruínas permanecem porque traduzem em suas pedras os embates políticos e religiosos. Os fiéis da Igreja Matriz e da Igreja da Ordem eram contrários a construção de um novo templo. Pois, ambas as igrejas careciam de reformas e os investimentos financeiros eram voltados para a construção da Igreja de São Francisco de Paula.

Apesar do posicionamento contrário das igrejas locais, o projeto para Igreja São Francisco de Paula foi levado adiante. Somente foram finalizadas a capela-mor e a sacristia. Além do desinteresse por parte da mitra diocesana, a restauração da Igreja da Ordem e a finalização da Igreja Matriz impediram a conclusão da Igreja São Francisco Paula.

Atualmente, o espaço das Ruínas é usado para receber eventos culturais, tais como espéculos de música, teatro e circo. O aspecto topográfico da praça e o

---

<sup>1</sup> Trataremos as Ruínas de São Francisco no plural. Essa escolha se deve ao interesse de manter uma nomeação comum, de forma a padronizar com outras publicações sobre o assunto. No entanto, advertimos que se trata de um único sítio, dessa maneira, o singular seria o mais adequado.

<sup>2</sup> Apoiado na obra de Vera Regina Baptista explanaremos a história das Ruínas no Capítulo I com a finalidade de situar o leitor no contexto histórico do objetivo de estudo. Contudo, o nosso interesse o nosso interesse é expor as Ruínas de São Francisco através da perspectiva geográfica que terá como base as percepções das pessoas.



cenário das ruínas possibilitaram a construção de um anfiteatro, com frequentes apresentações.

Dessa forma, pretende-se investigar como as Ruínas de São Francisco e sua paisagem são percebidas/consideradas. Ou seja: I) identificar a memória e imaginário da população em relação as ruínas; II) Analisar a percepção da população em relação a paisagem e as ruínas.

Ao adotar as Ruínas de São Francisco com objeto de estudo se estabelece as seguintes premissas: I) Ser um dos patrimônios mais antigos da cidade. II) O bairro onde se encontra é considerado sítio urbano da cidade de Curitiba, ou seja, é o ponto de partida onde a cidade começou a se desenvolver. III) o local é palco para construções de memórias e é importante no circuito cultural da cidade. Com isso, a pesquisa justifica-se em contribuir para a cidade de Curitiba e suas paisagens, tornando mais evidente as Ruínas de São Francisco, além de contribuir para um debate sobre o mesmo. Ademais, colabora com os estudos em Geografia cultural ao direcionar a pesquisa para os estudos de paisagens, ao mesmo tempo em que cria paralelos com outros campos do conhecimento.

Essa pesquisa dialoga com as reflexões da historiadora Vera Regina Baptista, sobre as Ruínas de São Francisco sendo possível compreender seus processos históricos. Também temos o aporte do escritor Eduardo Fenianos, que explora a história associada aos elementos que fazem parte do bairro São Francisco. Utilizou-se ainda as gravuras de Jean-Baptiste Debret. Em sua obra “Curitiba 1827” nota-se a paisagem da cidade daquele período e como as Ruínas de São Francisco aparecem aos olhos do pintor. Outra obra é “Vista de Curitiba 1872” de William Lloyd, o qual contribuiu para a construção da imagem que Curitiba tem sobre si mesma<sup>3</sup>. Optou-se também pelo escritor Paulo Leminski, pois a cidade de Curitiba é um elemento constitutivo da sua poesia. Enfim, todas essas obras contribuíram para refletir sobre as Ruínas de São Francisco.

Uma ruína parece um conjunto de fragmentos sem conexão, podemos dizer também que se constituem restos de algo que não conhecemos muito bem ou algo que está morto. No entanto, as Ruínas de São Francisco se comportam de forma diferente. Essa dissertação propõe mostrar que as Ruínas de São Francisco estão

---

<sup>3</sup> É razoável pensar isso porque exposições como “Arte no Paraná: Fases itinerante e infraestrutura” e livros como “Pintores da paisagem paranaense”, tratam de artistas que pintaram o Paraná e Lloyd é sempre mencionado.

vivas, o espaço ao qual elas se inserem é dinâmico, sua paisagem é constantemente modificada e (re)significada.

Para compreender as Ruínas de São Francisco desde a sua idealização até os dias atuais fez-se necessário desenvolver uma pesquisa bibliográfica em várias instituições. A pesquisa foi realizada na Biblioteca da Universidade Federal do Paraná e a Biblioteca Municipal de Curitiba, Casa da Memória e no Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (IHGPR). Buscou-se ainda as entidades responsáveis pelas Ruínas, tais como o Instituto de Turismo, a Secretaria de Cultura do Governo do Paraná e o Instituto de Pesquisa e Planejamento de Curitiba.

A dissertação está organizada em três capítulos. No Capítulo I é apresentada uma descrição das Ruínas de São Francisco e seus aspectos históricos, bem como o bairro que a abriga. Ainda são expostas as produções artísticas que fazem referência ao objeto de estudo e a vida do santo que deu nome às Ruínas.

Dispondo-se de um conhecimento sobre o objeto de estudo, o Capítulo II é dedicado às considerações teóricas e conceituais. Inicialmente são tratadas questões no âmbito da história e memória, as quais são importantes para a reflexão da paisagem. Em seguida, é apresentada a trajetória do conceito de paisagem e a definição de percepção. Por fim, à luz das ideias de Denis Cosgrove, é exposta uma análise das Ruínas de São Francisco, pois o autor contribui para desvelar sua paisagem.

No Capítulo III a pesquisa é apresentada de forma empírica, e o percurso metodológico elucida a abordagem qualitativa com entrevista semiestruturada. No momento posterior, as entrevistas são evidenciadas e analisadas, de forma a identificar as diferentes percepções que os participantes têm em relação ao objeto de estudo.

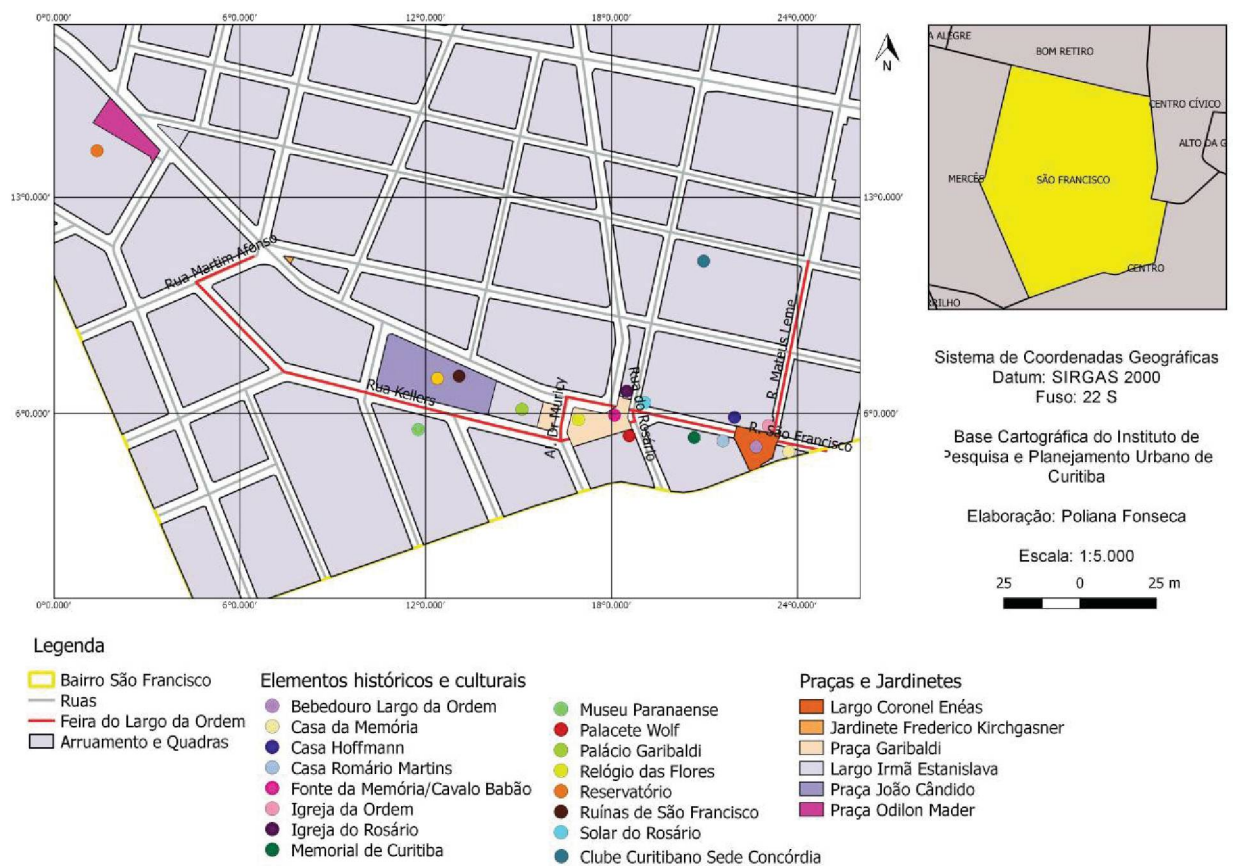
A partir do caminho proposto esperamos contribuir para a reflexão sobre as Ruínas de São Francisco. O valor simbólico das Ruínas não remete apenas ao passado, mas se relaciona com o presente, e o ressignificar das paisagens.

## CAPÍTULO I - DA IGREJA SÃO FRANCISCO DE PAULA ÀS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO: HISTÓRICO DE UMA CONSTRUÇÃO QUE DEIXOU SUAS PEDRAS PARA A MEMÓRIA

Para apresentar as Ruínas de São Francisco é necessário nos remeter a história do bairro São Francisco, no qual as Ruínas de São Francisco estão inseridas, para assim entender a importância histórica de ambos. A Figura expõe alguns elementos históricos e culturais do bairro que serão tratados a seguir.

FIGURA 1 - ELEMENTOS DO BAIRRO SÃO FRANCISCO.

### Elementos Históricos e Culturais do Bairro São Francisco



ELABORAÇÃO: a autora (2019)

Ainda neste capítulo também serão expostas as produções artísticas relacionadas as Ruínas de São Francisco através de pinturas e poemas.



## 1.1 UM RECORTE NA HISTÓRIA DE CURITIBA: O BAIRRO SÃO FRANCISCO

Oficialmente, o povoado Nossa Senhora da Luz foi elevado à categoria de vila em 29 de março de 1693. Nessa ocasião, a vila já possuía uma quantidade razoável de moradores na região do bairro São Francisco, localizado atrás da capela Nossa Senhora da Luz, atualmente conhecida como Igreja da Matriz.

O nome do bairro está associado a história da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Chagas. Em 1752, foi realizada a transferência da capela Nossa Senhora do Terço para os religiosos franciscanos, em consequência disso a região passou a ser chamada de São Francisco de Chagas. No entanto, o tempo e a tradição encurtaram o nome do bairro, passando a ser chamado apenas de São Francisco (FENIANOS, 1998).

Em 1894 aconteceu a Revolução Federalista. Prédios da região do São Francisco transformaram-se em quartéis e dali os curitibanos assistiam as lutas entre Picapaus e Maragatos<sup>4</sup>.

Ainda nesse período chegaram ao bairro os imigrantes alemães, deixando marcas peculiares na arquitetura que ainda se vê, a exemplo do Clube Concórdia (FIGURA 2). Antes chamado de *Deutscher Sängerbund*, que significava Liga Alemã de Cantores, o clube foi criado com objetivo de divulgar a cultura alemã.

FIGURA 2 - CLUBE CONCÓRDIA NO ALTO SÃO FRANCISCO.



FONTE: Jornal Gazeta do Povo (2015).

---

<sup>4</sup> Os republicanos legalistas eram denominados Picapaus e os revolucionários que eram contrários a Constituição em 1891 chamavam-se Maragatos. (FENIANOS, 1998)

Nos primeiros anos do século XX, o bairro São Francisco possuía bondes puxados a burros e mulas. Segundo Fenianos (2003), a linha do bonde começava onde é hoje o cruzamento entre as Rua Mateus Leme e a Rua Presidente Carlos Cavalcanti, passava pelo Largo da Ordem, e terminava no Batel.

Em 1904 foi iniciada a construção do reservatório de água do Alto São Francisco, sendo o primeiro reservatório hídrico de Curitiba. Além disso, construiu-se uma adutora desde o ponto de captação nos mananciais da serra do Mar até a cidade. O reservatório foi inaugurado em 1906, hoje faz parte do conjunto de patrimônio histórico da cidade. (FIGURA 3).

FIGURA 3 - RESERVATÓRIO DO ALTO SÃO FRANCISCO EM 1908.



FONTE: Sanepar.

Nesse período, o movimento operário ganha força. A Praça João Cândido era um espaço de manifestações políticas e recreativas, isso porque nos seus arredores funcionava a Sociedade Beneficente dos Operários, a qual era conhecida como ponto de encontro para as lutas dos trabalhadores. Então, logo após o término das reuniões, os trabalhadores seguiam pelas ruas em passeata. A seguir, a Figura 4 ilustra como é a Praça João Cândido atualmente.



FIGURA 4 - PRAÇA JÓAO CÂNDIDO ATUALMENTE.



FONTE: A autora (2018).

Nos anos 30, o bairro contava com pouca infraestrutura “[...]sendo formada por casarios e chácaras sem luz, lama e dificuldade de abastecimento.” (FENIANOS, 2003, p. 25). Ainda assim, a região do São Francisco recebia as colônias de imigrantes para vender de porta em porta hortifrútis, animais e produtos artesanais. O principal ponto de encontro era o Largo da Ordem, ali os cavalos poderiam dispor dos bebedouros que não eram usados pela população.

O bebedouro mais conhecido é o do Largo da Ordem e hoje faz parte do conjunto de referências históricas da cidade. Antes, o tanque foi projetado e substituído por um chafariz pelo Coronel Enéas Marques dos Santos, mais tarde deu lugar ao bebedouro com água encanada que é preservado até os dias atuais (FIGURA 5).



FIGURA 5 - BEBEDOURO DO LARGO DA ORDEM.



FONTE: A autora (2018).

Nos anos 1950, a Boca Maldita era o ponto de encontro entre intelectuais e políticos. As pessoas também costumavam apreciar a cidade do Alto do São Francisco. O local se destacava na topografia da cidade por ser o ponto mais alto de Curitiba. (FENIANOS, 2003)

Na década de 1970, a cidade de Curitiba já tinha 600 mil habitantes e sua economia era baseada no comércio e na prestação de serviços. Assim, a prefeitura municipal decide iniciar um projeto urbanístico que levaria a inovação do transporte público, da criação de parques, de espaços culturais e de lazer.

O bairro São Francisco também se inseriu no plano de revitalização do setor histórico de Curitiba, através do decreto municipal nº 1.160 elaborado em 1971 pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). Com o decreto o setor histórico foi delineado e ocorreram os tombamentos, restauração e limitação

de uso de prédios e casas. A partir desse momento, os espaços começaram a ser preenchidos pelas instituições culturais, galerias de arte, bares e restaurantes.

Atualmente, o bairro São Francisco é um espaço ligado as atividades de cultura e lazer. Nos finais de semana, as ruas tranquilas dão lugar a vida noturna com bares e restaurantes diversificados, muitos deles ocupam antigos casarões.

Aos domingos, durante o dia, ocorre a tradicional Feira do Largo da Ordem, que ocupa grande parte desta área central, desde a Rua São Francisco até a Rua Martin Afonso. Nesta feira, encontram-se diversos tipos de artesanato, roupas, além de comidas típicas do Paraná. (FIGURA 6).

FIGURA 6 - FEIRA DO LARGO DA ORDEM EM 1986 (ESQUERDA) E EM 2018 (DIREITA).



FONTE: Casa da Memória (1986) à esquerda e a autora (2018) à direita.

O bairro São Francisco emana história através das paredes das antigas casas, palacetes e igrejas, por isso muitas de suas construções foram preservadas. Desde a primeira identificação de parte do bairro como setor histórico da cidade é nítida a importância do conjunto arquitetônico do São Francisco.

As principais construções e elementos que resistem a passagem do tempo, além dos citados anteriormente, são a Igreja da Ordem (1737) e a Igreja do Rosário



(1946)<sup>5</sup> (FIGURA 7), o Palacete Wolf (1875), o Palácio Garibaldi (1904) e Casa Hoffmann (1890). Todas essas construções foram influenciadas pelo estilo arquitetônico eclético ou colonial, e possuem imenso valor histórico.

FIGURA 7 - IGREJA DO ROSÁRIO (ESQUERDA) E IGREJA DA ORDEM (DIREITA).



FONTE: a autora (2018)

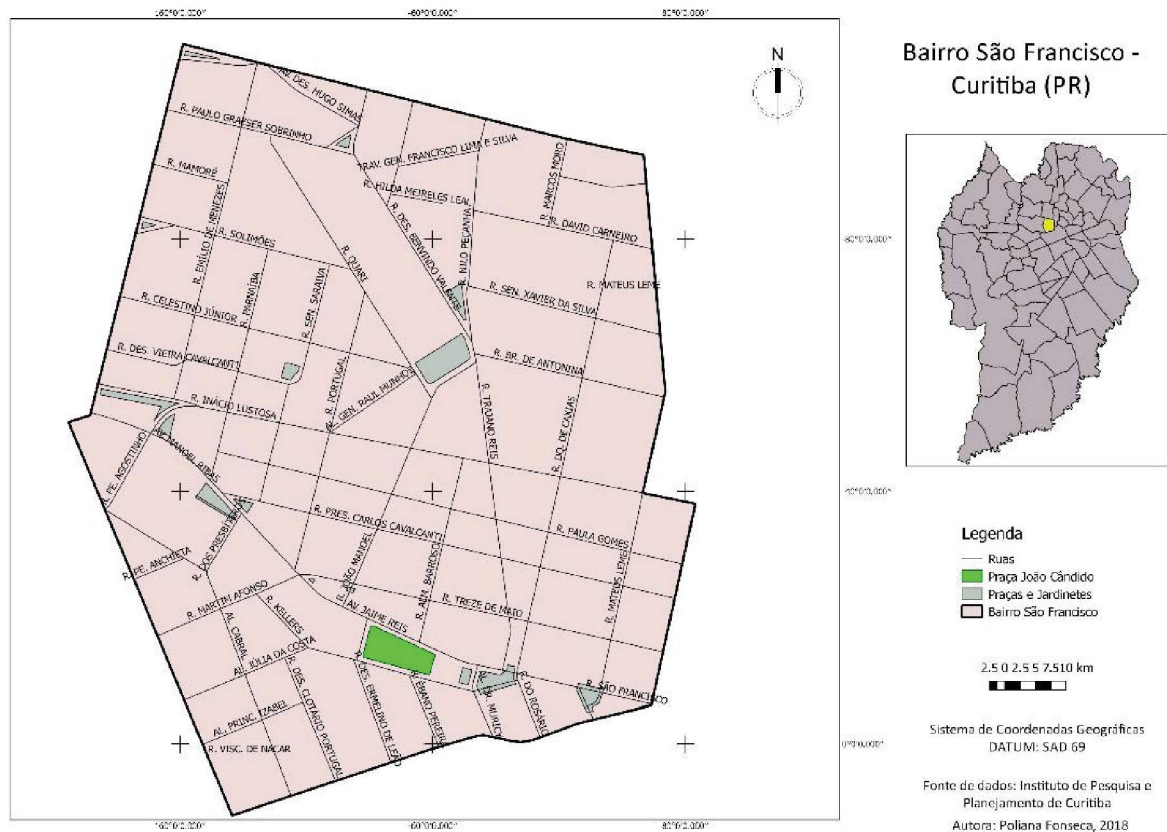
Segundo Wal e Junior (2016, p. 18), não existe outra região da cidade de Curitiba que tenha “[...] um acervo com representatividade para contar toda a história da cidade quanto o São Francisco”. A riqueza arquitetônica, o padrão das ruas e calçamentos do bairro contam a história da vida cotidiana de tempos passados, atestando a relevância de sua preservação.

## 1.2 HISTÓRIA DAS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO

Uma das referências históricas encontradas no bairro São Francisco são as Ruínas de São Francisco integrando a Praça João Cândido, juntamente com o Belvedere e as Arcadas (FIGURA 8). Tais elementos serão explanados a seguir.

<sup>5</sup> A primeira construção da Igreja do Rosário é datada de 1737 e demolida em 1931. Foi construída no mesmo local a nova igreja, inaugurada em 1946.

FIGURA 8 - LOCALIZAÇÃO DA PRAÇA JÃO CÂNDIDO.



ELABORAÇÃO: a autora (2018)

As Ruínas de São Francisco são remanescentes da Igreja São Francisco de Paula (FIGURA 9). Segundo Baptista (2004), a igreja foi idealizada pelo coronel Manoel Gonçalves Guimarães em acordo com o bispo Dom Mateus de Abreu Pereira<sup>6</sup>. Durante sua visita a Curitiba, o bispo verificou a urgência de novos santuários, já que nesse período só existiam três igrejas: a Matriz de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, atual Catedral; a Igreja Nossa Senhora do Terço, hoje conhecida como a Igreja da Ordem; e a Igreja do Rosário. Todas em estado precário.

<sup>6</sup> Dom Mateus de Abreu Pereira era bispo diocesano de São Paulo.



FIGURA 9 - RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO.



FONTE: a autora, 2018

Ao longo da sua estadia na região, o bispo ficou hospedado na fazenda do coronel Manoel Guimarães. No decurso das conversas, o coronel expôs ao bispo o seu desejo de construir uma igreja em nome da sua devoção a São Francisco de Paula. Com a autorização de Dom Mateus Pereira, o coronel solicitou a câmara de Curitiba um terreno para a construção da capela devotada ao santo.

Manoel Gonçalves Guimarães foi um rico coronel da região da Lapa<sup>7</sup>. Também mantinha posses e residência na cidade de Curitiba, isso facilitou o projeto de construção da igreja. Para alguns fiéis católicos, a nova igreja seria uma afronta a Nossa Senhora da Luz, para outros, uma questão apenas política (BAPTISTA, 2004). No entanto, sabia-se que não seria erguida uma igreja simples, seria elevado um templo tão grandioso quanto a fortuna do Coronel Manoel Guimarães.

Conhecendo-se o temperamento arrojado de Manoel Guimarães, ficava claro que não iria construir simplesmente mais um santuário. Seria, além da realização de um sonho ou do cumprimento, talvez, de uma promessa, a representação concreta de seu poder e influência. (BAPTISTA, 2004, p. 12).

Então, criou-se a Confraria de São Francisco de Paula para dar início ao projeto. Segundo Baptista (2004), o livro de despesas da confraria foi criado em

<sup>7</sup> Lapa é um município do estado do Paraná. Localizada na região dos Campos Gerais

1800, nele consta gastos feitos com materiais de construção, além de objetos religiosos. Em 1809, apenas a capela-mor e a sacristia ficaram prontas, mesmo inacabada o bispo Dom Mateus de Abreu Pereira autorizou a benção da igreja para que fossem realizadas suas atividades religiosas.<sup>8</sup>

Ainda para a inauguração da capela, foi colocado sobre o altar a imagem de São Francisco de Paula. O Santo só saía da igreja para as procissões dos fieis em tempos de seca. A imagem de São Francisco de Paula foi esculpida em madeira, entretanto sua origem e autor são desconhecidos. Para Nórdio (2007), é provável que a imagem tenha vindo com imigrantes europeus, italianos ou portugueses.

O falecimento do Coronel Manoel Guimarães fez com que as obras ficassem paradas, mesmo com a confraria ainda existindo. A reforma da Igreja da Matriz também contribuiu para a paralização da construção, pois o reboco estava se desvencilhando do teto e havia risco de desabamento. Por esse motivo, em 1860, a construção da igreja São Francisco de Paula foi abandonada para que fosse concluída a torre da Igreja da Matriz. Portanto, “As pedras que finalizariam as obras foram utilizadas na conclusão da torre da antiga matriz” (FENIANOS, 1998, p. 54)

Depois de alguns reparos na Igreja Matriz os problemas estruturais persistiram. Com mudança de vila para a cidade, Curitiba precisava de uma igreja a altura da sua nova categoria, então começaram a construção da nova catedral. Concomitante a isso, a igreja da ordem também carecia de reformas.

A restauração da Igreja da Ordem e a finalização da catedral impossibilitaram a conclusão da Igreja São Francisco de Paula. Segundo Baptista, mesmo inacabada a igreja foi frequentada durante todo o século XIX.

Em 1860, houve alteração na fachada da igreja. As paredes ainda de taipas foram substituídas por tijolos. Décadas mais tarde, alguns melhoramentos foram realizados pelo padre Antônio Vicente da Cruz, cuidador da capela. Mesmo com pequenas reformas o templo foi entregue quase em ruínas para Irmandade da Misericórdia, que se tornou responsável pela igreja.

No ano de 1885, a Câmara deliberou a retirada da Igreja São Francisco de Paula já em ruínas, mas nada foi feito. Posteriormente, a capela foi confiada aos padres franciscanos Xisto Mawes e Redempto Kullman. Os freis permaneceram no Alto do São Francisco até 1901, depois mudaram-se para a Praça da República,

---

<sup>8</sup> Segundo Baptista (2004) não foram construídos os corredores laterais, o consistório e a fachada.



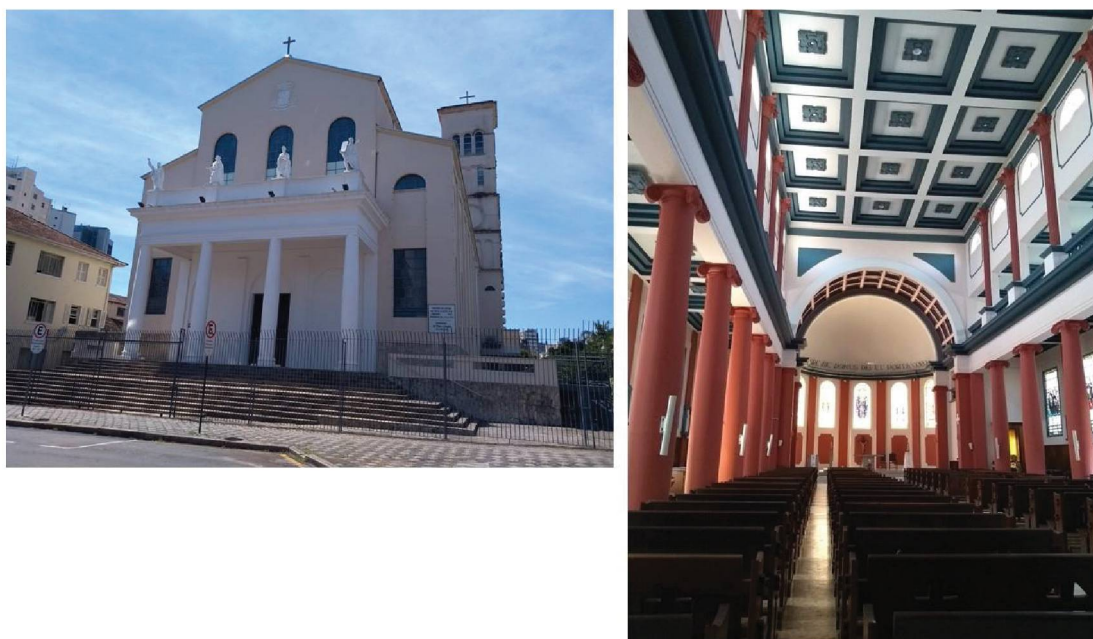
atualmente Praça Rui Barbosa, nesse local foi fundada a Igreja Bom Jesus dos Perdões.

Devido ao estado físico precário da Igreja São Francisco de Paula foi decidido pela sua demolição. Então, em 1914, houve um acordo entre prefeitura e a mitra diocesana para permuta de um terreno situado na esquina das ruas Saldanha Marinho e Desembargador Mota. Nesse local foi construída a nova Igreja São Francisco de Paula. Os paroquianos ainda doaram dois lotes adjacentes a área permutada para a construção da casa paroquial.

Para a celebração das missas foi construída uma igreja provisória de madeira. Apesar disso, as atividades religiosas não foram cessadas. Até que em 1936, foi criada a Paróquia São Francisco de Paula, abrangendo os bairros das Mercês e Bigorrilho. Já em 1949, o pároco Boleslau Farlaz deu os primeiros passos para a construção da nova matriz. As obras eram executadas com a ajuda financeira de fiéis, festas e quermesses.

Na década de 1960, a igreja recebeu a benção episcopal, isto é, a benção da igreja dada pelo bispo. Para isso é preciso que exista um altar fixo, além da liturgia e sacramentos devidamente regularizados. Apenas em 2006 ocorreu a sagração do altar, essa prática permite a realização dos cultos religiosos. (FIGURA 10).

FIGURA 10 - IGREJA SÃO FRANCISCO DE PAULA EM CURITIBA. FACHADA (ESQUERDA) E INTERIOR (DIREITA).



FONTE: a autora (2018).

Para Nórdio (2007) a Igreja São Francisco de Paula faz parte do patrimônio religioso da cidade de Curitiba, pois ela possui imenso valor histórico e cultural. A arquitetura da igreja em estilo Basilical Romântico é reconhecida como Unidade de Interesse de Preservação (UIP).

A parte interna é bem trabalhada, com teto de estuque plano na nave, capela-mor com teto em abóbada, grandes vitrais, além de tribunas laterais e, ao fundo e de frente para o altar, o espaço para o coro, com órgão. O conjunto externo é marcado pela torre única, pelas estátuas dos profetas, pelas grandes colunas e as escadarias, que a elevam acima do nível da rua. (NÓRCIO, 2007, p. 6)

De volta ao ano de 1914, logo após a permuta do terreno, a igreja do Alto do São Francisco ficou completamente abandonada. O prefeito e engenheiro Cândido de Abreu optou por derrubar somente uma parte da Igreja São Francisco de Paula e construir no local um Belvedere, já que aquele ponto oferece uma vista geral da cidade.

O Belvedere foi inaugurado em 1915, construído em consonância com o estilo arquitetônico *art nouveau*<sup>9</sup>. O local serviu para outros usos, na década de 1920 funcionou a Rádio Clube Paranaense, primeira rádio do Paraná. Em seguida, foi autorizada a concessão para o observatório astronômico e meteorológico da Faculdade de Engenharia do Paraná. Em 1962, foi sede da União Cívica Feminina (FIGURA 11). Atualmente, o edifício está fechado para ser restaurado devido a um incêndio ocorrido no ano de 2017.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> *Art Nouveau* é considerado um movimento artístico que surgiu no final do século XIX na Europa. Suas principais características são linhas sinuosas e assimétricas; temas relacionado a natureza, como plantas e animais. (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2019)

<sup>10</sup> LEITÓLES, F. Incêndio atinge o prédio do Belvedere. Gazeta do Povo, Curitiba, 6 dez. 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/incendio-atinge-o-predio-do-belvedere-3ut82pv7z83kdpn60ottbao2p/>. Acesso em: 01 de dezembro, 2018.

FIGURA 11 - BELVEDERE NO ANO DE 1999.



FONTE: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná

É válido ressaltar que as Ruínas de São Francisco são cercadas de lendas. A destruição de parte da capela e a conservação de seus restos deram origem a muitas especulações. As lendas mais comuns de serem encontradas<sup>11</sup> são: do Pirata Zulmiro, dos túneis que conectam as Ruínas a outros bairros de Curitiba e a cidade de Paranaguá, além da lenda do preto velho.

Com parte de sua construção ainda de pé, a Igreja de São Francisco de Paula tornou-se as Ruínas de São Francisco sendo um dos atrativos turísticos de Curitiba. Então, aproveitando-se do cenário e da inclinação do relevo, foi construído um anfiteatro ao ar livre com lugar para 300 pessoas. O espaço é usado para diversas apresentações musicais e de teatro (FIGURA 12 e FIGURA 13).

---

<sup>11</sup> As lendas podem ser encontradas nas reportagens de antigas edições do Jornal Gazeta do Povo disponível no acervo da Casa da Memória e no Boletim da Casa Romário Martins. Além disso, as lendas podem ser achadas nos livros Lendas e Contos populares do Paraná, Ruínas de São Francisco: dois séculos de história e mito.



FIGURA 12 - DESFILE CARNAVALESCO DA TERCEIRA IDADE NAS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO.



FONTE: Casa da memória

FIGURA 13 - HOMENAGEM AO DIA NACIONAL DA UMBANDA EM 2017.



FONTE: Fundação Cultural de Curitiba.

Para aproveitar o espaço abaixo da arquibancada foram construídas as Arcadas de São Francisco ou Arcadas das Ruínas. No subsolo, encontra-se uma

galeria que liga a Rua Kellers a Avenida Jaime Reis. Além disso, são 16 boxes que abrigam antiquários e lojas de arte (FIGURA 14).

FIGURA 14 - ARCADAS DE SÃO FRANCISCO.



FONTE: a autora (2018)

Devido a sua importância histórica e arquitetônica, a Praça João Cândido juntamente com seus elementos foram tombados pela Secretaria de Cultura do Governo do Estado do Paraná em 26 de janeiro de 1966. Dessa forma, as Ruínas de São Francisco permanecem, pois contribuem para representar a história tanto da cidade Curitiba quanto do bairro São Francisco.



## 1.2 PRODUÇÕES CULTURAIS QUE RESSALTAM A IMPORTÂNCIA DAS RUINAS DE SÃO FRANCISCO

As manifestações artísticas refletem a importância espacial desse logradouro, tanto na poesia como nas pinturas o que serão apresentadas a seguir.

### 1.2.1 As Ruínas de São Francisco na poesia de Paulo Leminski

Alguns textos de Paulo Leminski foram compilados na obra *Ensaaios e Anseios Crípticos*, compostas por dois volumes. O primeiro volume engloba “[...] as noções ‘teóricas’ básicas a partir das quais pensava.” (PEREIRA E VIEIRA 2015, p. 408-409). Já o segundo volume é um conjunto de textos que são direcionados para análise de obras e de autores.

No volume 1 do livro *Ensaaios e Anseios Crípticos*, no texto *Ler uma Cidade: o alfabeto das ruínas*, Leminski discorre sobre ruínas enquanto contextualiza a cidade de Curitiba. O poeta destaca a cidade através do efêmero, acrescenta ainda que aquilo que resiste a passagem do tempo tornam-se ruínas, por exemplo as ruas, as praças e as construções. Portanto, “é a ruína que dá sentido à cidade.” (LEMINSKI, 2014, p. 87)

No entanto, a cidade também é feita de ruínas imateriais. Leminski aborda as ruínas imateriais como sinônimo de memória, fragmento de algo que já foi e não é mais ou até de algo que nunca existiu.

Uma transversal da... como é mesmo o nome daquela que passa atrás do campo do Atlético? Ruínas imateriais. Tem noites que sonho passar por lugares que não existem mais. Do lado do Colégio Santa Maria, onde hoje é um banco, em meados dos anos 60, havia uma gráfica. Ainda ouço as máquinas. Ruínas de sons, ruínas de lembrança. Era ali que a gente se reunia para discutir os filmes do momento. (LEMINSKI, 2014, p. 87)

Para o autor, cidades planejadas por arquitetos e engenheiros não possuem ruínas, são isentas de memórias e lembranças. Por isso, Leminski aponta que uma cidade deve nascer sozinha para que tenha suas ruínas. Em *Ruinogramas: Ruínas minhas de São Francisco*, as Ruínas de São Francisco são apresentadas como uma referência que o autor tem da sua cidade, ele constrói uma ideia do que é e do que

não é curitibano a partir delas. As Ruínas seriam uma igreja para devoção a São Francisco de Assis<sup>12</sup>.

Ruínas, ruínas da minha terra, qual de vós se compararia às franciscanas pedras pardas do que, um dia, ia ser a igreja, mais uma igreja, dedicada ao "poverello" de Assis?

Leminski enfatiza que é preciso que todos saibam que não existem outras ruínas no mundo como as de São Francisco, pois elas são únicas. Além disso, todas as outras existentes cumpriram a função para a qual foram feitas, ou seja, elas cumpriram um ciclo. Já as Ruínas de São Francisco são ruínas desde a sua origem<sup>13</sup>, uma vez que o seu projeto não foi concluído.

Ruínas do mundo, templos aztecas, fortalezas da Assíria, pirâmides do Egito, templos da Grécia, todas as ruínas são os restos de um sonho realizado.  
Não nossas ruínas de S. Francisco.  
Nunca houve uma igreja de S. Francisco naquele lugar.  
Nossas são as ruínas que já nasceram ruínas.

A percepção do poeta em relação as Ruínas de São Francisco é a de que ela se reconhece enquanto tal e se justificam pela ausência do que poderia ter sido, mas não foi. Então, Leminski elabora um diálogo como alegoria para explicar o porquê de as Ruínas serem como são.

Um dia, o superior da Ordem chamou os irmãos e, dentro do espírito zen daquele que, um dia, chamou de irmãos o sol, a lua, a cinza e até a Morte, aquele que, rico filho de um mercador desprezou todos os bens do mundo e afirmou a primazia do Ser sobre o Ter, o superior da ordem falou e disse:  
- Todas as ordens constroem igrejas, templos, capelas, catedrais, coisas feitas para durar, enquanto não volta Aquele por que nosso coração diz sim e diz não.  
Fez um silencio.  
- Faremos diferente. Vamos começar a construir uma igreja que não passará da primeira etapa. Então, abandonaremos a obra. A ação do irmão Tempo, da irmã Chuva, do irmão Acaso. Vamos construir uma ruína. Uma ruína que já nasça ruína. E então deixar o monumento gritante a todas as vaidades humanas que juramos abandonar, então seremos filhos daquele que nos amou, amou tanto que veio antes de nós.  
E assim se fez.  
[...]

<sup>12</sup> É comum autores confundirem os santos, pois há na igreja católica três São Francisco: o de Paula, o de Assis e o de Chagas.

<sup>13</sup> Como dito anteriormente, embora tenham sido construídas a capela-mor e a sacristia da Igreja de São Francisco de Paula, a igreja é considerada inacabada. Os elementos que estavam inseridos no projeto arquitetônico para a mesma não foram finalizados, como por exemplo, a nave.

Para Leminski, as Ruínas de São Francisco têm a função de reafirmar a filosofia dos franciscanos. Ainda que o autor tenha confundido o santo para o qual a igreja seria construída, tanto São Francisco de Assis, quanto São Francisco Paula pregavam a caridade e a pobreza. Por isso as Ruínas de São Francisco transmitem o “abandono de todas as vaidades humanas”. Então, o autor conclui:

E, assim, lá estão no Alto de S. Francisco as ruínas da igreja que poderia ter sido, mas não foi, monumento sobranceiro a todas as nossas frustrações, nossos fracassos, nossas pequenas derrotas, obelisco gritando a falência de todos os nossos grandes sonhos.

### 1.2.2 As Ruínas de São Francisco nas artes visuais.

A pintura, é um importante meio de investigação, pois possibilita a compreensão das relações do sujeito com a cultura em que ele vive. As obras de arte retratam as experiências, as vivências, a paisagem, o modo de vida e o cotidiano das pessoas.

As Ruínas de São Francisco aparecem em algumas obras de arte. Destaca-se uma obra datada de 1827 de autoria de Jean Baptiste-Debret e outra de 1872 “Vista de Curitiba 1872”, cujo autor foi William Lloyd. Em ambas as obras pode-se analisar as paisagens a partir dos elementos que os artistas ressaltam em suas obras para compor a paisagem. Como as pinturas ajudaram a construir o imaginário sobre as Ruínas de São Francisco?

Jean-Baptiste Debret (1768- 1848) foi artista francês e chega ao Brasil em 1816 com o objetivo de ensinar arte, assim foi fundada a Academia Imperial de Belas Artes a qual Debret foi professor. Durante sua estadia no Brasil, Debret percorreu o antigo caminho das tropas até Curitiba, passando por Paranaguá e Guaratuba até chegar ao litoral norte de Santa Catarina.

Nessa obra (FIGURA 15), Debret escolhe o ponto mais alto para retratar a cidade. Ao fundo está a Serra do Mar, observa-se ainda que não há nenhuma construção na parte mais baixa da cidade, o que ressalta a história de que o bairro São Francisco foi sítio urbano.



Embora não seja o foco da gravura, há referências religiosas. No canto esquerdo da obra aparece uma igreja que parece ser a Igreja do Rosário e logo abaixo a Igreja da Matriz.

Todos os elementos acima citados levam a crer que a construção que está em primeiro plano na obra é a Igreja São Francisco de Paula. Dessa forma, Debret trabalha com ideia de um vir a ser, o que hoje são as Ruínas de São Francisco ainda está em construção.

A data da gravura coincide com a data da construção da Igreja São Francisco de Paula. Porém, não há como ter certeza, já que Jean Baptiste Debret fazia muitas gravuras de memória ou até mesmo de rápidos traços lápis.

FIGURA 15 - AQUARELA DE JEAN - BAPTISTE DEBRET.



FONTE: Casa da Memória

O artista retorna à França em 1831. Na sua cidade natal, Debret organiza seu livro o *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil* dividido em três volumes, nos quais estão registrados aspectos do cotidiano dos povos indígenas e dos negros mostrando como eram as relações com os homens brancos, a escravidão, além dos costumes de cada cultura.

Além de Debret, William Lloyd também registrou o Paraná através de pinturas. O engenheiro esteve no Brasil para a construção de uma estrada de ferro

que ligaria Curitiba ao Mato Grosso encomendada pelo Visconde de Mauá em 1873 e no relatório sobre ferrovia<sup>14</sup>, produziu dez pinturas de paisagens do Paraná.

De fato, William Lloyd esteve em diversos locais do território paranaense, porém, as imagens da obra “Vista de Curitiba 1872” (FIGURA 16) circulam sem assinatura, o que dificulta o reconhecimento da autoria.

FIGURA 16 - VISTA DE CURITIBA 1872, WILLIAM LLOYD



FONTE: Casa da Memória

As pinturas não têm compromisso com a verdade, elas possuem a função de ajudar a formar um imaginário daquilo que se quer apresentar. Dessa forma, na pintura de Lloyd, a noção de espaço não é exata. O artista construiu uma imagem de Curitiba a partir do Alto do São Francisco, então em frente as Ruínas de São Francisco aparecem a Igreja da Matriz com duas torres, provavelmente antes da reforma. Lloyd posiciona as Ruínas em primeiro plano para localizar o espectador no espaço.

---

<sup>14</sup> LLOYD, W. Caminho de Ferro de D. Isabel da Província do Paraná à de Mato Grosso: Considerações sobre a Empreza pelo Visconde de Mauá. Rio de Janeiro: Typ. De G & Filhos, 1875. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=chi.73599345;view=1up;seq=7>>



Também aparece um homem conduzindo uma carroça, talvez para mostrar que a Curitiba de 1872 ainda possuía modos de vida predominantemente rurais. Ao fundo, a Serra do Mar e um amplo vale ainda desabitado.

## CAPÍTULO 2 - A PAISAGEM E A MEMÓRIA: PERCEPÇÕES DE UM ELEMENTO HISTÓRICO

Esse capítulo se propõe abordar o tema sob o olhar geográfico, tendo a geografia cultural como aporte para a auxiliar compreensão do espaço das Ruínas de São Francisco. Assim será relacionado o conceito de paisagem com a história e a memória. O conceito de paisagem será fundamental para a compreensão das reflexões propostas. Ao conceito de paisagem serão associadas a noção de percepção, tendo em vista a pesquisa empírica desenvolvida. Nesta pesquisa optamos por trabalhar com a paisagem na perspectiva de Denis Cosgrove.

O autor considera a paisagem como texto, de forma que ela que pode ser “lida e interpretada”, como um documento. Considerada como uma transmissora de mensagens e repleta de símbolos, que manifestam as preferências e as ideologias de uma sociedade.

### 2.1 PAISAGEM: VALORIZAÇÃO DO PASSADO NO PRESENTE

Um periódico curitibano de renome publica um texto sobre as ruínas de São Francisco retomando um pouco da história e das lendas anteriormente expostas destacando que:

“Na verdade, conforme opinião de alguns historiadores como David Carneiro, **as ruínas têm pouco valor histórico**. Elas apresentam apenas uma tentativa a construção de uma Igreja. Nada mais. Existem ou existiram outras lendas com relação as ruínas. Como a de que aquele que tentasse demoli-las encontraria a morte certa, patrimônio em Curitiba por puro capricho de pessoas de pouco conhecimento histórico. Provavelmente para conservá-la, pois é muito pouco o nosso patrimônio histórico. [...]. As ruínas, na verdade, já se incorporaram à vida do curitibano.” (JORNAL GAZETA DO POVO, 1979, grifo nosso)



Ressaltando que o ano de 1979 foi importante para consolidar o setor histórico. Entre as décadas de 1970 e 1980 foi criado o Plano de revitalização, o qual previa a delimitação e a revitalização do setor histórico, conforme abordado anteriormente. A preservação de antigas construções e monumentos se tornou uma preocupação nesse período, pois o patrimônio está carregado de informações sobre tradições e saberes da cultura de um povo. Os bens patrimoniais estão profundamente relacionados com a identidade do local, eles ajudam a construir uma sensação de pertencimento.

O próprio ato de tombar é o reconhecimento do valor histórico ou cultural dos bens, transformando-os em patrimônio. Como disse anteriormente, as Ruínas de São Francisco foram tombadas como elemento da Praça João Cândido, isso revela sua importância histórica que não só contribui para a história do bairro como também para a história da cidade.

O passado se revela na paisagem, então precisamos do passado para compreender as paisagens atuais (LOWENTHAL, 1975). As Ruínas são elementos do passado fixados no presente, com a passagem do tempo elas adquiriram novos significados. A permanência das Ruínas é uma forma de valorizar o passado, é através dele que se constrói uma identidade.

O termo ruína quer dizer ato ou efeito de ruir, também significa restos de edifícios desmoronados ou destruídos pelo tempo (Dicionário Aurélio). No senso comum, a palavra ruína está relacionada com formas mortas de tempos pretéritos. O fato de ser uma ruína já estabelece uma ligação com o passado porque a ideia de ruína remete a uma construção fragmentada que não tem necessariamente uma ligação com o presente.

Ao contrário do significado estabelecido pelo dicionário e pelo senso comum, as Ruínas de São Francisco estabelecem uma relação muito próxima entre passado e presente. Ambos os tempos se entrecruzam na paisagem através da história já vivida e que ainda continua sendo versada por meio dos novos usos e significados.

Lowenthal (1975) enfatiza que precisamos de elementos passados, pois eles apontam para a durabilidade das coisas. Os vestígios do passado provocam o sentimento de soma, que se acumulam contribuindo para firmar sua presença.

Segundo Abreu (1998) não é muito comum encontrar vestígios materiais do passado nas cidades brasileiras. Sob o pretexto da modernização, do olhar para o futuro e da apreciação do novo foram apoiadas diversas intervenções nas paisagens

herdadas. O autor explica, que esse pensamento vem mudando. O passado das cidades entrou nas políticas de preservação e conservação através dos tombamentos, até mesmo naquelas mais novas.

Então, a valorização do passado é constituída de duas formas. A primeira maneira é através das relíquias, que são as permanências de objetos no presente que remete ao tempo pretérito. A segunda é realizada pela memória, que compõe a identidade do lugar e organiza suas lembranças.

Lowenthal (1998) afirma que a principal característica das relíquias é que não precisam de fato ser historicamente verdadeiras, apenas precisam persuadir de que realmente aconteceu no passado. Da mesma forma que as relíquias revelam um passado, podemos considerar as paisagens relíquias. Tais paisagens podem conter lembranças, cheiros e sabores, que cristalizam na memória e no imaginário. Cosgrove (1998) aponta que há muito tempo os geógrafos têm interesse nas paisagens relíquias, pois permitem usá-las como pistas para a reconstrução de antigas geografias.

A admissão do valor das relíquias requer o conhecimento da sua história. A capacidade de notar o passado e relacioná-lo com o presente determina a forma como percebemos as relíquias. Deste modo, Lowenthal ressalta que:

“Há os que observam pedras muito antigas ignorando totalmente sua história; outros, porém, revestem aquilo que é novo e estéril com associações ao passado. Fechando os olhos para diferenças palpáveis, muitas sociedades tradicionais não fazem distinção entre artefatos contemporâneos e aqueles construídos em épocas ancestrais ou há muito utilizados.” (Lowenthal, 1998, p. 153).

Assim, pela perspectiva de Lowenthal (1998) pode-se olhar para as Ruínas de São Francisco como uma paisagem relíquia. As memórias do passado estão relacionadas com a história da cidade, com a inserção da igreja católica e com o poder dos coronéis da época. Porém, é com os novos usos que se constroem novas memórias.

Da relação passado/presente e do apego às relíquias da paisagem é extraído um sentimento muito comum ainda no mundo contemporâneo: a nostalgia. Sinônimo de saudade, a nostalgia é ligada a lembrança de um momento que foi vivido ou de pessoas que se encontram distantes. Esse sentimento é alimentado normalmente

por pessoas que estão em sua terra natal, da sua casa e de coisas que são familiares.

A nostalgia tem uma relação muito próxima com as paisagens contemporâneas. Sobre isso Castilhos (2009, p. 12) diz que “Normalmente, ao olhar para a paisagem contemporânea de muitas cidades brasileiras, nos deparamos com uma imagem confusa em sua organização espacial e em suas representações simbólicas e somos tomados por esse sentimento, a nostalgia. ” Nesse tipo de paisagem muito dos elementos do passado são substituídos por novos, então as lembranças, as memórias e as referências que são perdidas. Nesse sentido, o novo é sinônimo de progresso e o velho é passível dessa destruição.

Holzer (2005) aponta que no artigo *Present Time, Present Place: Landscape and Memory* (1975), David Lowenthal evidencia que a forma de apropriação do passado influencia na criação de novas paisagens. Através das marcas de períodos anteriores, a durabilidade dos artefatos contribui para solidificar a presença do passado em forma de nostalgia.

Lowenthal (1975) aponta que antigamente a nostalgia era considerada uma doença mortal, uma maldição. Hoje, pode ser considerada como virtude. O apego aos lugares familiares pode neutralizar um cataclismo social, as afeições por rostos conhecidos são necessárias para ser tolerada a vida em sociedade.

O aumento da sensação de nostalgia é proporcionado no contato com pessoas idosas. Os idosos compartilham seus hábitos e valores com os jovens. E por isso, “a visão nostálgica pode se aplicar tão profundamente a uma história em segunda mão quanto às cenas da própria infância” (LOWENTHAL, 1975, p. 4)

No espaço útil das ruínas de São Francisco é comum a convivência entre jovens e idosos, seja por meio das atividades físicas da Yoga no Parque, seja por meio dos eventos musicais e teatrais. Então, as experiências, visão de mundo e as memórias são compartilhadas.

A memória, torna-se imprescindível. As memórias da construção da Igreja de São Francisco de Paula e o desenrolar dos acontecimentos até chegar ao ponto de se tornarem ruínas estão em instituições da memória, mantidas em documentos e registros. No entanto, as experiências obtidas no local da Ruínas, ou pelos eventos de música e teatro, ou com o grupo de yoga aos domingos, ou simplesmente sentar no anfiteatro para reunião entre amigos já se constituem as bases para a construção de novas memórias.



A memória individual e coletiva foi diferenciada por Maurice Halbwachs (1990). Sendo que a individual é realizada a partir de um quadro de sua vida pessoal em que viriam tomar lugar suas lembranças. Já a coletiva é caracterizada quando o indivíduo em alguns momentos se torna parte de um grupo. Para o autor, ambas são formas de agrupar as lembranças em torno de uma pessoa ou no interior de uma sociedade

Para Abreu (1998) a memória individual contribui para recuperar a memória das cidades. O conjunto de registros guardam a lembranças individuais das pessoas, que podem levar a momentos urbanos e a formas espaciais que já passaram ou que podem não existirem mais. Por isso, a recuperação da memória individual é de fundamental importância na construção da identidade do lugar.

Para Pollak (1992) os acontecimentos, as pessoas e os lugares são elementos constitutivos da memória. Em todos esses elementos podem ocorrer o fenômeno de transferência e projeções, ou seja, são memórias adquiridas de outras pessoas. Isto acontece dentro da organização da memória individual e coletiva.

Os acontecimentos podem ser vividos individualmente pelo grupo a qual o sujeito se sente pertencente. Existem aqueles acontecimentos que são memórias herdadas. A pessoa não vivenciou tal fato, mas está tão presente no seu imaginário que ela não consegue distinguir o que ela viveu ou não.

Assim como podemos falar de pessoas encontradas no decorrer da vida ou de ícones da história que podem não necessariamente terem pertencidos ao mesmo espaço-tempo que o sujeito. Os lugares estão intimamente ligados à lembrança. Podem tanto ser o lugar onde se passa as férias na infância quanto pode estar relacionado os lugares de comemoração de determinada data, como uma praça por exemplo (POLLAK, 1992)

As Ruínas de São Francisco é um lugar de memória. As memórias da construção da Igreja de São Francisco de Paula e o desenrolar dos acontecimentos até chegar ao ponto de se tornarem ruínas estão em instituições da memória, mantidas em documentos e registros. No entanto, as experiências obtidas no local da Ruínas, ou pelos eventos de música e teatro, ou com o grupo de yoga aos domingos, ou simplesmente sentar no anfiteatro para reunião entre amigos já se constituem as bases para a construção de memórias.

Halbwachs(1990) salienta que a memória coletiva não se confunde com a história. A necessidade de escrever a história de um período ou de uma sociedade

só se manifesta quando eles já estão muito distantes. A história é evocada quando a memória de acontecimentos não tem mais suporte de um grupo, assim a única forma de resgatar as lembranças é fixá-las através de escritos.

Em Lowenthal (1998), memória e história se confundem devido as justaposições e ambiguidades. A memória contém relatos de segunda mão do passado, ou seja, envolve a história. Já a história é baseada em testemunhos e lembranças, isto é, inclui a memória. Embora seja uma tarefa difícil distinguir os termos, o autor ressalta:

A história difere da memória não apenas no modo como o conhecimento do passado é adquirido e corroborado, mas também no modo como é transmitido, preservado e alterado. Aceitamos a memória como uma premissa do conhecimento; inferimos a história a partir de evidências que incluem as lembranças de outrem. Ao contrário da memória, a história não é dada, mas sim contingente: é baseada em fontes empíricas que podemos decidir rejeitar por outras versões do passado. (LOWENTHAL, 1998, p. 107)

A paisagem é configurada pela memória e pela história, ambas revelam os sinais do tempo e são impregnados de significação. O passado apresentado pela paisagem se constitui nas materializações conservadas sobre os lugares e nas recordações de quem passou por diferentes épocas.

Por isso, Meinig (2003) aponta que entre as dez formas de olhar a mesma cena existe a paisagem como história. Nesse caso, a paisagem é uma acumulação de tempos, ela é um passado duradouro que exhibe os vestígios de momentos antepassados. Meneses (2002) corrobora com esse pensamento ao dizer a paisagem tem história, pois através da história que podemos entender a formação da paisagem e suas sucessões ao longo do tempo. Portanto, a paisagem é depósito que contém informações sobre as pessoas e a sociedade que a criaram, ou seja, a paisagem também é dotada de cultura.

Isto posto, algumas questões são suscitadas, como o que é paisagem? Como o conceito foi transformado ao longo das décadas? Quais foram e são as abordagens?. A seguir serão explanados tais questionamentos teóricos.

## 2.2 PAISAGEM: A TRAJETÓRIA DE UM CONCEITO

O vocábulo paisagem surge nas pinturas do século XV, nos Países Baixos. Claval (2004, p. 13) explica que a paisagem “aplica-se aos quadros que apresentam um pedaço da natureza, tal como a percebemos a partir de um enquadramento – uma janela por exemplo. ” Além disso, os personagens possuem um papel secundário e a moldura que envolve o quadro substitui a janela através da representação.

A Geografia se alia a pintura de paisagem através dos viajantes que utilizavam essa arte em suas descrições geográficas, como nas obras de Alexander von Humboldt. A paisagem em Humboldt estava atrelada a fisionomia, aos aspectos físicos da paisagem tais como clima, vegetação, relevo e suas influências sobre os seres.

Em Carl Ritter a paisagem não era seu principal objeto de estudo, porém ele complementou e sistematizou as ideias de Humboldt dando maior atenção as descrições e análises regionais (SCHIER, 2003). Assim, Ritter apresenta o método descritivo regional e comparativo para entender as peculiaridades de cada localidade.

Na segunda metade do século XIX, surge na Alemanha Friedrich Ratzel, o qual apreende as ideias de Humboldt e Ritter. Em sua obra Antropogeografia, Ratzel aborda a paisagem ainda como ambiente natural, porém inclui o homem em suas análises juntamente com todas as reações e acontecimentos ligados a ele. Em Ratzel que se inicia os estudos de cultura, a ele é atribuído o primeiro uso do termo geografia cultural. (SCHIER, 2003; CLAVAL, 2007)

Entre o século XIX até o ano de 1940<sup>15</sup>, a abordagem sobre paisagem era analisada a partir da sua gênese e morfologia. Segundo CORREA (2012, p. 30), é nesse período que a paisagem é formada “[...] como um conjunto de formas materiais como campos, caminhos e habitat rural, distribuídas espacialmente e dotadas de funções que as articulam [...]”, resultando num aspecto funcional na vida de um grupo que vive e cria um gênero de vida. O gênero de vida, observado na geografia francesa por Paul Vidal de La Blache, se apresenta como uma noção de cultura, os quais moldam a paisagem.

---

<sup>15</sup> A periodização do conceito de paisagem e da Geografia Cultural foi proposto por CORRÊA (2012).



Nesse período, a geografia alemã entendia que a paisagem poderia ser modelada tanto pelas forças da natureza quanto pela ação do homem, Otto Schlüter difundia essa perspectiva em seus trabalhos. Para o geógrafo alemão, a Geografia Humana tinha a paisagem como objeto de estudo e fundamentava-se nas na metodologia das ciências naturais, porém estabelece que os fenômenos “não geográficos”<sup>16</sup> sejam inclusos para a paisagem ser melhor entendida.

De acordo com Capel (1983), a Geografia Humana proposta por Otto Schlüter tinha o propósito de averiguar as formas e a disposição dos fenômenos na superfície terrestre sob a condição de que sejam perceptíveis pelos sentidos. Schlüter considerou que o método mais adequado para tal Geografia deveria ser análogo ao da morfologia conhecido como método morfológico.

Seemann (2004) salienta que Otto Schlüter apropriou-se do termo “morfologia” que era utilizado pelo escritor alemão Goethe em seus estudos biológicos e geológico. De modo geral, morfologia é a ciência das formas externas, que engloba tanto as estruturas das plantas quanto as formas de relevo. Na geografia cultural, o método morfológico “[...] atribui um atenção espontânea e crítica a formas e padrões, os quais o olho treinado chega a (re) conhecer para fins de explicação”. (SAUER apud Seemann, 2004, p. 70)

Para melhor compreensão do método morfológico aplicado a paisagem, Seemann (2004) define dois passos. O primeiro passo consiste em descrever os objetos materiais, tais como local, formas, tamanho e suas inter-relações. No segundo passo, é realizado uma análise do contexto para evidenciar o que existe “atrás dos fenômenos materiais”. Nesse momento, além do *gestaltende Faktoren*<sup>17</sup>, os fenômenos sociais, mentais e intelectuais são examinados para compreender a gênese a formação da paisagem.

As ideias de paisagem de Schlüter foram difundidas e ampliadas pelo geógrafo Carl O. Sauer, o qual foi precursor da Geografia Cultural da Escola de Berkeley, nos Estados Unidos. Sauer direcionou sua pesquisa a artefatos, utensílios e formas construídas, ou seja, as formas visíveis da paisagem. Em suas pesquisas

<sup>16</sup> Os fenômenos “não geográficos” são os aspectos invisíveis da paisagem, como por exemplo língua, religião e arte. Otto Schlüter foi muito rigoroso quanto a delimitação dos estudos na geografia restringindo-os aos aspectos e fenômenos visíveis da paisagem. Os elementos invisíveis só devem ser estudados se contribuírem para a explicação das formas materiais na paisagem. (Seemann, 2004)

<sup>17</sup> *Gestaltende Faktoren* são os fatores relevantes da paisagem, que segundo Schlüter apud Seemann (2004, p. 70) “[...] não são as forças físicas da Terra, mas as ações, os motivos e as finalidades do homem”.

há uma preocupação com o modo de vida de cada sociedade, além disso a relação do homem com o meio onde vive é pautada nos impactos e adaptações dos modos de vida particulares.

Segundo Claval (2007) a aproximação de Sauer com os ecologistas orienta-o a entender que a paisagem é feita em parte de matéria viva. Os homens transformam a paisagem através das suas intervenções sobre a vegetação e o mundo animal. Claval (2004) aponta que Sauer revela uma visão muito original na forma de apreensão da paisagem ao dar importância a sua dimensão viva, isso o leva a verificar o impacto da ação humana sobre a biosfera. Dessa forma, Sauer se distancia dos objetivos de Otto Schlüter, pois

[Schluter] não enfatiza tanto a evolução das paisagens vegetais naturais e sua substituição progressiva por pastagens ou campos, mas as transformações florísticas ocasionadas pelo homem. Quando os empreendimentos humanos desaparecem, seus traços permanecem visíveis por muito tempo através das espécies que eles voluntariamente introduziram para cultivá-las, [...]. Existe, quando se leva em consideração o componente vivo das paisagens, uma maneira apaixonante de fazer da biosfera o pivô dos estudos geográficos. (CLAVAL, 2004, p. 47)

Para Sauer (1998), a geografia se baseava na reunião dos elementos físicos e culturais da paisagem, uma vez que seu conteúdo é encontrado tanto nos aspectos físicos, os quais são relevantes para o homem e nas maneiras de usar a área quanto nos fatos da cultura humana.

Influenciado pelas ideias dos antropólogos Franz Boas<sup>18</sup> e Alfred Kroeber<sup>19</sup>. Sauer (1998, p. 30) entende que “a cultura é a marca do homem sobre a área” e é o agente que transforma a área natural resultando na paisagem cultural. Por conta dessas ideias o geógrafo recebeu muitas críticas, sendo que a oposição mais contundente foi apresentada por James Duncan (2002), o qual afirma que a cultura era vista como uma entidade que está acima do homem, não redutível às ações dos indivíduos e inexplicavelmente respondendo a leis próprias. Ainda expõe que,

---

<sup>18</sup> Franz Boas introduziu o método histórico na antropologia conhecido como historicismo. Para Boas (apud Pedrosa, 2015) é através do movimento histórico de cada sociedade pode-se investigar minuciosamente o desenvolvimento particular de cada mudança cultural. Nesse sentido, antropologia é considerada uma ciência histórica cujo objetivo é a tentativa de compreender os passados através dos quais o homem chegou a ser o que é, biológica, psicológica e culturalmente”. A principal obra de Carl Sauer influenciada pelas ideias de Boas é *Foreword to Historical Geography* (1941)

<sup>19</sup> Alfred Kroeber entendia que a cultura desempenha um papel de determinação, podendo ser vista como uma entidade supra orgânica, ou seja, que se apresenta de maneira independente da sociedade. (Pedrosa, 2015)

O supra-orgânico implica uma visão de homem como relativamente passivo e impotente. Se o indivíduo é considerado atomístico e isolado, então as forças aglutinadoras entre os homens devem ser externas a eles. Os supra organicistas não entendem que 'a cultura é o trabalho da humanidade; temos a impressão de que ela é autônoma só porque é anônima'. (DUCAN, 2003, p. 17)

Além dessas críticas, outras foram feitas a Sauer e a Geografia Cultural da primeira metade do século XX como aponta Claval (2001, p. 41), que são: I) a preocupação em descrever era maior do que compreender o mundo e explicá-lo; II) o destaque do esteticismo que se empregava na paisagem; III) o peso excessivo que se atribuía ao mundo rural; IV) a relevância do passado; V) a falta de interesse pelos significados dos acontecimentos espaciais

Entre as décadas de 1940 e 1970, a geografia cultural declina. Consequentemente, a paisagem como objeto de estudo também. A Segunda Guerra Mundial e a expansão capitalista resultaram nas modificações das paisagens tanto rurais quanto urbanas. Por isso, a atenção dos geógrafos estava voltada para análise e desenvolvimento regionais. Então, a paisagem nesse contexto foi considerada tema ultrapassado e sem praticidade. (CORRÊA, 2012)

A partir da década de 1970, a geografia cultural é renovada e a paisagem ganha uma nova abordagem. A dimensão subjetiva da cultura é levada em consideração sem perder de vista seu aspecto material. Essa nova fase eleva o conceito de paisagem de forma que neste momento

"[...] trata-se de interrogar os homens sobre a experiência que têm daquilo que os envolve, sobre o sentido que dão a sua vida e sobre a maneira pela qual modelam os ambientes e desenham as paisagens para neles afirmar sua personalidade, suas convicções e suas esperanças." (CLAVAL, 2001, p 42)

O conceito de cultura também foi inovado. De acordo com Claval (1999, p. 52) a revista *Geographie et Cultures* define a cultura como: I) um conjunto de técnicas, valores, atitudes e ideias, os quais apresentam aspectos materiais, sociais, intelectuais e simbólicos. II) esse conjunto é transmitido e inventado. III) também não é assimilado igualmente por todas as pessoas de uma sociedade, dessa forma é vivido individualmente.

Nesse ambiente de renovação até o momento presente, a paisagem volta a ser tema relevante para os geógrafos. A paisagem é vista através de duas bases filosóficas: a fenomenológica e a marxista (CORREA, 2012).



De acordo com Dartigues (2008), o texto *Novo Órganon* de J.H. Lambert apresenta pela primeira vez o termo fenomenologia referindo-se à teoria da ilusão sob diferentes formas. Para o autor, etimologicamente a fenomenologia significa o estudo ou a ciência do fenômeno.

No entanto, Edmund Husserl foi o idealizador da fenomenologia. Serpa ao citar Husserl diz que os fenômenos são as coisas materiais que percebemos, são também as coisas ideais e os fenômenos como resultado da vida e da ação humana, ou seja, a cultura.

Na geografia, a trilha feita pela fenomenologia começa em 1952 com a obra *O Homem e a Terra* de Eric Dardel<sup>20</sup>. A geografia era entendida por Dardel através da fenomenologia, como uma experiência vivida pelo homem por meio do seu contato com o mundo terrestre. Esse contato reflete no homem como um acontecimento que pode ser traduzido como a sua presença no mundo. (BESSE, 2014)

O pensamento de Dardel e a fenomenologia ecoam nos trabalhos de geografia. Edward Relph foi o primeiro a ver na fenomenologia um aporte filosófico para a geografia humanista preocupada com os aspectos subjetivos do espaço. Holzer (2008) aponta que o método fenomenológico seria usado com o objetivo de fazer uma descrição do mundo vivido e da experiência humana, então podia-se reconhecer as essências da percepção.

Além de Relph, três autores se baseiam na fenomenologia em seus estudos: primeiro, os trabalhos de David Lowenthal se destacam pela tentativa de estabelecer uma nova epistemologia para a geografia, no esforço para compreender as relações entre as imagens mentais e suas relações com o mundo exterior. Segundo, Y-Fu Tuan divulgou a relação subjetiva e afetiva do homem com espaço. E por último, Anne Buttimer que suscitou o debate existencial entre o homem e a Terra. (NOGUEIRA, 2005)

Segundo Holzer (1999, p. 156) “a fenomenologia passou a ser considerada enquanto método filosófico” no instante em que ela poderia resolver alguns impasses metodológicos que se colocavam na geografia. Nesse contexto

---

<sup>20</sup> Eric Dardel (1899 -1967) foi professor de história e geografia nos liceus de Sens (1926-1928), Rouen (1928-1932), Jason de Saily (1933 -1945). Sua tese de doutorado intitulada “A pesca de arenque na França: estudo de História Econômica e Social foi defendida na Faculdade de Letras na Universidade de Paris. O seu livro *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica* (1952) foi redescoberto décadas mais tarde, impactando uma comunidade de geógrafos. De acordo com Pinchemel (2015, p. 158) “A obra de Eric Dardel será descoberta quando a geografia atravessa seu período quantitativista e seu engajamento na ação adota um outro olhar, aquele da fenomenologia, da percepção e da representação.”

fenomenológico, a paisagem não era mais considerada como mera descrição dos aspectos visuais de uma localidade, ela é agora vista através das significações, relações emocionais e de percepções entre o sujeito e o ambiente. Salgueiro (2001, p. 45):

Na geografia humana verifica-se o acentuar do facto da paisagem ser um território visto e sentido, cada vez mais subjetivo e elaborado pela mente. O enfoque centra-se no indivíduo, nas suas práticas e nas representações que elabora do mundo exterior, as quais condicionam, por sua vez, o comportamento.

Entre 1970 e 1980, a geografia francesa propôs o espaço vivido tendo Armand Fremont foi um importante difusor dessa perspectiva. Para Fremont, os estudos de região poderiam ser analisados para além da delimitação administrativa, histórica e econômica. A região também apresenta elementos psicológicos, desta forma, poderia ser explorada como uma dimensão da experiência humana. (MELO, 2005). Além disso, Fremont apontava que a geografia deveria falar “[...] das formas, das cores, dos cheiros, dos sons e dos ruídos.” (CLAVAL, 2007, p. 159)

Holzer (1999) fala em três estudiosos que entendem a paisagem enquanto espaço vivido: Bailly, Raffestin e Raymond, os quais entendem que a paisagem é um acúmulo de história, além de ser um produto das relações entre os indivíduos e a realidade material. Para os autores, a paisagem só existe para o grupo humano e para o homem através do vínculo fenomenológico entre o homem e o meio.

A maior preocupação de Bailly *et al*, de acordo com Holzer (1999), é se compreendemos os objetos tais como eles são, abordando-os numa visão positivista; ou se devemos observar os objetos através das forças que não são observáveis, como pretende a fenomenologia. Então, os autores propõem uma metodologia que considere os aspectos subjetivos do sujeito a fim de esclarecer os grupos de semelhanças existenciais criadoras da paisagem. A partir dessa metodologia um conceito provisório de paisagem é criado:

Nossa paisagem é formada pelas relações entre três dimensões (superfície e volume), entre os indivíduos e o ambiente (vivido e não-vivido), relações caracterizadas pelas propriedades, geométricas, topológicas, projetivas, temporais e simbólicas. (Bailly et al apud Holzer, 1999, p. 162)

Augustin Berque também se preocupou com o espaço vivido. Berque (1998) anuncia a paisagem como um mediador entre o homem e o meio. Para o autor, a paisagem pode ser compreendida de duas formas: como marca e como matriz.

A paisagem é uma marca, porque exprime uma civilização, mas também uma matriz, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação –isto é, da cultura –que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza, em outras palavras, com a paisagem de seu ecúmeno. (BERQUE, 1998, p. 84-85)

O *écumene*, ou o termo traduzido ecúmeno, “está presente na mente dos indivíduos, e as paisagens são marcadas pelos sonhos e planos dos indivíduos: as pessoas necessitam ancorar as suas identidades na realidade circundante (CLAVAL, 2004, p. 104). Por isso, a paisagem em Berque é apontado por Vargas (2007) como um estudo que vai além da morfologia do ambiente ou da psicologia do olhar. A paisagem não faz parte somente do sujeito ou somente no objeto, ela se encontra na interação entre ambos.

A paisagem vista como um espaço vivido surge através das experiência e percepções dos indivíduos (GUIMARÃES, 2003). A partir das relações entre os aspectos objetivos e subjetivos do espaço e o mundo vivido que a paisagem é construída pelas dimensões do real e do imaginário e assim, pode-se imprimir marcas entre a racionalidade e a afetividade resultando num complexo sistema simbólico.

A renovação da geografia cultural não se deu de forma homogênea na comunidade de geógrafos. Os estudos dos geógrafos Denis Cosgrove e James Duncan apresentam uma nova concepção de paisagem. De acordo com Almeida (2008, p. 44), esses geógrafos expandem cada vez mais seus estudos para questões sobre a “cidade e vida cultural, identidade, significado e imaginação”

No âmbito dessa renovação, a paisagem é considerada como uma transmissora de mensagens e repleta de símbolos, que manifestam as preferências e as ideologias de uma sociedade. As mensagens são difíceis de serem apreendidas, é preciso entender uma sociedade para decodificar os signos e símbolos existentes.

Revelar os significados na paisagem cultural exige a habilidade imaginativa de entrar no mundo dos outros de maneira consciente e, então, *re-presentar* essa paisagem num nível no qual seus significados possam ser expostos e refletidos. (COSGROVE, 1998, p. 103)

Para Cosgrove (2000), a paisagem pode ser considerada como uma imagem cultural, um meio pictórico de representar ou simbolizar todas as coisas que



circundam o homem. Nesse contexto, a paisagem pode ser estudada através da pintura, da escrita, das imagens em filme, da terra, da água, entre outros. Todos esses meios são formas de revelar os significados que os grupos humanos atribuem aos lugares e permite também relacionar estes significados a outras questões da existência humana.

Cosgrove também apresenta a paisagem como texto, de forma que ela que pode ser “lida e interpretada”, assim como um documento. O autor ainda considera que “[...] os textos têm muitas dimensões, oferecendo a possibilidade de leituras diferentes e simultâneas e igualmente válidas.” (COSGROVE, 1998, p. 101)

A ideia da paisagem como texto deriva de Clifford Geertz. O antropólogo atribui a cultura como um conjunto de textos que a antropologia se esforça para ler. Mondada (2004, p.141) afirma que “essa leitura de textos se realiza à luz do conhecimento de um contexto que permite uma descrição inteligível dos processos sociais.” Além disso, ao considerar a cultura como texto Geertz concebe o trabalho etnográfico como uma hermenêutica<sup>21</sup> com a função de mostrar as camadas complexas dessas culturas/textos (MONDADA, 2004).

No cenário da nova geografia cultural, Denis Cosgrove contribui para a ampliação dos temas propostos por tal geografia. Com isso, a paisagem também é entendida sob diferentes perspectivas. Cosgrove (1998) aponta que os estudos recentes renovam o conceito de paisagem e cultura. O autor indica que a paisagem não é apenas um conjunto de elementos visíveis e imutáveis, mas sim um reflexo da cultura, da sociedade vigente e das formas de significação. Portanto, considera-se como base para esta pesquisa o conceito de paisagem de Cosgrove (1998) [2004]), o qual será aprofundado no item a seguir.

### 2.3. AS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO À LUZ DE DENIS COSGROVE

Como ressaltamos anteriormente dentre os conceitos de paisagem explicitados optamos pelo elaborado por Denis Cosgrove, o qual considera a paisagem como aspecto cultural de uma sociedade. Pois, é nessa perspectiva que propomos analisar a existência das Ruínas de São Francisco a partir da cultura

---

<sup>21</sup> A hermenêutica constitui um método cuja intenção não é de explicar os fatos, mas sim compreendê-los em sua totalidade. Gomes (1996, p 113) esclarece que compreender é alcançar uma significação e revelar uma essência. O autor ainda aponta que “os fatos são expressivos por serem portadores de sentido.”

dominante revelada pelo Coronel Manoel Guimarães e pela predominância da igreja católica no bairro; e através da cultura alternativa, a quais deixam suas marcas evidenciadas na paisagem.

### 2.3.1 A Cultura Dominante

Ao olhar para as Ruínas de São Francisco, a cultura dominante é evidenciada tanto no passado quanto no presente. Em tempos pretéritos, tal cultura foi manifestada na figura do Coronel Manoel Guimarães, atualmente é evidenciada pela presença da igreja católica nos arredores e no bairro onde as Ruínas se encontram. Para entender melhor esse fenômeno e o poder da igreja católica faz-se necessário mostrar como o catolicismo se expandiu e como se deu essa expansão em Curitiba.

Depois da inauguração da diocese, em 1892, e depois da Arquidiocese, um número expressivo de Ordens e Congregações se instalaram na região da cidade “[...] constituiu parte significativa da estruturação da territorialidade católica local”. (GIL FILHO, 2003, p. 99). Nesse contexto, é válido ressaltar que uma das ordens que se estabeleceu naquela região foi a Ordem Franciscana. A Ordem Franciscana conduziu a Igreja de São Francisco de Paula e a Igreja da Ordem. Ainda que a Igreja de São Francisco de Paula não tenha sido concluída, ela também faz parte do processo de expansão das igrejas católicas em Curitiba.

A presença do catolicismo contribuiu para ocupação populacional nos bairros onde elas se encontravam. Com o bairro São Francisco não foi diferente. A expansão da população se deu nas adjacências da Igreja do Rosário e da Igreja da Ordem. A Igreja da Matriz<sup>22</sup> também favoreceu esse fenômeno. Sobre isso, Gil Filho (2003, p. 105) diz que “Partindo do centro histórico de Curitiba, da Praça Tiradentes e Largo da Ordem, com a presença da Catedral e as Igrejas Reitoriais, vê-se que estas obedecem a uma expansão do número de matrizes, acompanhada da malha urbana. ”

Apesar de existirem igrejas e templos de outras religiões, tais como evangélicas, budistas e mulçumana, as igrejas católicas são em maior quantidade (FIGURA 17). A aglomeração de igrejas católicas no bairro São Francisco ocorreu a

---

<sup>22</sup> Inicialmente denominada Igreja Nossa Senhora da Luz dos Pinhais e Bom Jesus dos Pinhais foi construída em 1668. Em 1715 foi elevada a Primeira Igreja Matriz, sendo concluída 1791. Em 1875 foi demolida e erguida a atual catedral, que foi inaugurada em 1893.



partir de três fatores: o primeiro, é o princípio de dominação da igreja católica sobre o território curitibano. O segundo, é que ali se encontravam os primeiros habitantes da Vila Nossa Senhora da Luz, atual cidade de Curitiba. Já o terceiro, é que as igrejas separavam os fiéis por classe social ou cor, a exemplo disso, temos a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de São Benedito, que além de ter sido construída por escravos era também frequentada por eles.

FIGURA 17 - IGREJAS E TEMPLOS NOS ARREDORES DAS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO.



FONTE: Google Earth (2018), adaptado pela autora (2018).

#### Legenda

- |  |  |
|--|--|
| 1 Capela da Medalha Milagrosa                | 6 Paróquia Cristo Redentor                               |
| 2 Igreja de São Vicente de Paulo             | 7 Mitra da Arquidiocese de Curitiba                      |
| 3 Mitra da Arquidiocese de Curitiba          | 8 Igreja Nossa Senhora do Rosário de São Benedito        |
| 4 Ruínas de São Francisco                    | 9 Primeira Igreja Presbiteriana Independente de Curitiba |
| 5 Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba | 10 Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas  |

A paisagem é uma forma historicamente específica de experimentar o mundo, desenvolvida e significada por determinados grupos sociais. Esses grupos sociais



desvelam na paisagem seus símbolos e valores. Por isso, a paisagem é o resultado da cultura que a configurou.

Assim, temos nas Ruínas de São Francisco o resultado da cultura dominante dos atores sociais que modelaram a sua paisagem, como a igreja católica que é detentora de posses e capital. Para Cosgrove (1998, p. 111) a cultura dominante é promovida por grupos sociais que possuem o controle dos meios de vida como capital, terra, matéria-prima e força de trabalho. O autor continua a expor que o poder da cultura dominante é

[...] mantido e reproduzido, até um ponto consideravelmente importante, por sua capacidade de projetar e comunicar, por quaisquer meios disponíveis e através de todos os outros níveis e divisões sociais, uma imagem do mundo consoante com sua própria experiência e ter essa imagem aceita como reflexo verdadeiro da realidade de cada um. (COSGROVE, 1998, p. 111-112).

A maneira como a igreja antes de São Francisco de Paula se constituiu, pode ser entendida como uma forma de impor uma realidade e uma cultura. Dessa mesma forma, a igreja católica, também possuidora de bens, se expandiu pelo bairro São Francisco, logo, a paisagem criada resulta do poder e status da igreja<sup>23</sup>.

A paisagem acima exposta pode ser considerada simbólica. Cosgrove (1998 p. 118), fala que os valores culturais que tais paisagens celebram “[...] precisam ser ativamente reproduzidos para continuar a ter significado. Em grande parte, isto é realizado na vida diária pelo simples reconhecimento dos edifícios, nomes dos lugares, etc.”. Portanto, a paisagem das Ruínas de São Francisco exibe os símbolos das culturas dominantes através da toponímia do bairro assim como a permanência das Ruínas.

### 2.3.2 A cultura alternativa

Na paisagem das Ruínas de São Francisco percebemos a reação da cultura alternativa através das pichações e grafites (FIGURA 18).

---

<sup>23</sup> A Igreja Católica é uma das culturas que formam a paisagem do bairro São Francisco. Portanto, há outras culturas e outras formas de criação da paisagem do bairro.

FIGURA 18 - PICAÇÕES E GRAFITTIS NAS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO.



FONTE: a autora, 2018

As pichações e grafites parecem ser fenômenos de tempos modernos e contemporâneos, no entanto, Souza (2007, p. 9-10) aponta que as pichações podiam ser vistas em muros de civilizações antigas. A cidade de Pompeia tinha seus muros pichados com diferentes mensagens, desde xingamentos a anúncios. Neste mesmo período, os sacerdotes utilizavam as pichações em conventos rivais para exibir suas ideologias.

Hoje, os grafites e as pichações estão presentes nas paisagens urbanas. Quem anda pelas ruas do centro e de outros bairros da cidade de Curitiba percebe as pichações e grafites nos muros, nos prédios, nas lojas. Segundo a prefeitura municipal, os gastos com os custos operacionais e na recuperação do patrimônio público que são alvo dessas intervenções giram entorno de 1 milhão de reais a cada ano.<sup>24</sup>

Por isso, a prefeitura municipal investiu em câmeras de monitoramento e estimulou uma campanha para coibir os atos de “vandalismo” pela cidade. Nas Ruínas de São Francisco, a prefeitura instaurou grades. Esse fato expõe dois contrassensos que serão apresentados a seguir.

Em primeiro lugar, para a prefeitura as pichações e grafites alteram a percepção que as pessoas têm sobre as Ruínas. Observa-se que esse ponto de vista da prefeitura não se sustenta, pois, as grades também modificam os padrões

<sup>24</sup> Essa estimativa foi publicada no site oficial da Prefeitura Municipal de Curitiba. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/populacao-pode-ajudar-a-combater-a-pichacao/26472>> Acesso em: 13 de maio, 2018.



estéticos da paisagem, consequentemente a percepção das pessoas. Cercar as Ruínas com grade significa que a prefeitura está reforçando o exercício de poder sobre a população, negando a elas o direito sobre a paisagem.

Em segundo lugar, de um modo geral, as pessoas associam pichação com depredação. Depredar significa o ato destruir ou de saquear e furtar. Estes atos configuram o vandalismo. Enquanto que as pichações, como ditas anteriormente, podem ser formas de protesto contra a dinâmica social da cidade como podem ser uma questão de ego ter seu símbolo ou nome exposto em muro ou patrimônio histórico.

Não é nosso objetivo refletir sobre esse aspecto, mas sim mostrar que ambas as partes mudam as percepções da paisagem das Ruínas. Existem outras maneiras de impedir que atitudes de ‘vandalismo’ sejam praticadas sem que a percepção da paisagem seja alterada, como por exemplo: câmeras de vigilância, seguranças, ações educativas, etc. As formas de inverter a situação exposta é instalar câmeras para inibir essas transformações, disponibilização de segurança ou vigias, sobretudo promover a educação no sentido de conservar o patrimônio da cidade.

No senso comum, a pichação advém da escrita. O “pixo” é como um tipo de assinatura com os nomes dos pichadores ou do grupo que eles fazem parte. Já o grafite é atribuído a desenhos e figuras. Ambas as formas foram adotadas por uma parcela de jovens da periferia compondo a cultura do hip hop.

No documentário Cidade Cinza, os grafiteiros paulistanos Otávio e Gustavo Pandolf, conhecidos como Os Gêmeos, relatam que, para eles, não existe a distinção entre pichação e grafite. Ambas as formas são “manifestações diante das mazelas da sociedade” e são maneiras de protestar contra a rígida realidade que envolve o cotidiano das cidades<sup>25</sup>.

Em artigo publicado no Estadão, Mauro Calliari<sup>26</sup> nos conta que ao entrevistar um rapaz que praticava a pichação, o entrevistado disse que “pichação não é para ser bonita, nem para agradar ninguém. A pichação é feita para agredir. E ela agride mesmo. E por isso é ilegal. ” Diante do que foi dito pelo rapaz, o jornalista comenta:

<sup>25</sup> Cidade Cinza. 2013. (80min). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=svFLNSQevag&t=103s>>

<sup>26</sup> CALLIARI, M. Pichação e grafite. É possível negar veemente a depredação ilegal e abraçar incondicionalmente a arte urbana. Estadão, São Paulo, 29 jan. 2017. Disponível em: < <https://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/caminhadas-urbanas/pichacao-e-grafite-e-possivel-negar-veementemente-a-depredacao-ilegal-e-abracar-incondicionalmente-a-arte-urbana/>>. Acesso em: 10 de maio, 2019



Uma casa pichada é uma agressão visual e ainda gera um ônus para o dono, que acorda um dia e vê um rabisco hediondo na sua parede. Até os grafites acabam pichados. Um prédio pichado dá uma impressão de abandono, de cidade tomada, de terra de ninguém. E a cidade não é de ninguém, é, ao contrário de todos. O sujeito que picha **impõe sua vontade estética** (!) à de todos os outros [...] (CALLIARI, 2017, grifo nosso)

Em oposição ao pensamento de Calliari, entendemos que a pichação não é a imposição de uma vontade estética, é também a experiência de mundo e suposições tomadas como verdadeiras as quais provém da cultura dominante (COSGROVE, 1998). Então, a pichação é uma reação a injunção da cultura dominante, que é de ordem autoritária.

A escolha dos bens culturais também é reflexo do desejo da cultura dominante. A exemplo disso, temos o poder público que define quais os patrimônios culturais que devem ou não ser preservados, conservados e valorizados. Nesse caso, o poder do Estado é expresso e mantido com a permanência das Ruínas.

Assim, as pichações e os grafites surgem como cultura alternativa. Cosgrove (1998, p. 116) entende que as culturas alternativas são as menos visíveis na paisagem se comparadas com as culturas dominantes. Em alguns casos, a cultura alternativa ou subordinada pode parecer dominante, porém o autor garante que “[...] por mais localmente que possa ser uma cultura alternativa, ela continua subdominante à cultura nacional oficial. ”

As culturas alternativas também produzem paisagens. A nossa proposta consiste em interpretar as paisagens das Ruínas de São Francisco dentro da reflexão feita por Cosgrove (1998) no que se refere aos tipos de paisagem.

### 2.3.3 Tipologias de paisagem em Denis Cosgrove: interpretações das paisagens das ruínas de São Francisco.

Ao percorrermos sobre a pichação e o grafite em conformidade com a teoria das culturas alternativas configuram-se as marcas das **paisagens excluídas** por se tratarem de atos de subversão desde a sua origem.

Ao refletirmos sobre das paisagens excluídas pode-se também apontar a presença de moradores de rua e usuários de drogas. O número de moradores de rua e usuários de drogas vem aumentando em Curitiba, sobretudo na região central. É cada vez mais comum andar por essa região e ver pessoas debaixo das marquises e em praças.

O jornal Gazeta do Povo aponta que existe em torno de 1.715 pessoas em situação de rua. Os dados são da pesquisa realizada pela Fundação de Ação Social (FAS) entre os meses de março e abril de 2016. De acordo com o jornal, boa parte dessas pessoas vivem no centro de Curitiba. Os principais motivos para estarem nas ruas são: uso de drogas, álcool, conflitos familiares e desemprego.

A prefeitura municipal de Curitiba conta com a Fundação de Ação Social (FAS) para oferecer assistência a pessoas em situação de risco e vulnerabilidade social. A FAS oferece atendimento social e abrigo a pessoas adultas ou idosas que moram ou estão temporariamente nas ruas.

A prefeitura também oferece serviços de saúde mental para pessoas usuárias de drogas e álcool através do Centro de Atenção Psicossocial/Álcool e drogas. O atendimento é feito pela procura direta do dependente químico ou encaminhado pelas Unidades de Saúde e Unidades de Pronto Atendimento.

Especificamente nas Ruínas de São Francisco e no entorno delas têm-se a presença de moradores de rua e usuários de droga. A escolha desse grupo de ocupar as Ruínas e seu entorno é proveniente da tranquilidade do local. O fluxo mínimo de pessoas circulando, sobretudo a noite, a ausência de policiais são o que pode motivar ambas as ocupações.

Essas pessoas revelam a natureza da paisagem excluída das Ruínas de São Francisco. O preconceito e o medo das pessoas expõem os estereótipos e visões negativas em relação aos marginalizados tornando-os ainda mais vulneráveis às mazelas sociais.

Os moradores de rua, os usuários de drogas e as gangues com a pichação e o grafitti formam a paisagem excluída das Ruínas de São Francisco. Cosgrove (1998, p. 120) conceitua paisagens excluídas como aquelas que são originárias das culturas designadas marginais, ela se refere aos grupos sociais marginalizados ou periféricos, que deixam marcas simbólicas na paisagem.

O autor ainda aponta que a paisagem está carregada de símbolos. Essas paisagens merecem ser estudadas, pois guardam os significados dos grupos



excluídos. Muitas vezes as paisagens excluídas são invisíveis aos olhos das culturas dominantes. As paisagens excluídas para Cosgrove podem ser:

O espaço simbólico dos jogos das crianças e seu uso imaginativo de lugares-comuns para criar paisagens de fantasia, o local da caravana cigana, as marcas deixadas por mendigos para indicar o caráter de uma vizinha como fonte de caridade, o grafite das gangs de rua, as notícias discretas e indicadores de paisagens de grupos variados como gays, maçônicos ou prostitutas, todos estão codificados na paisagem da vida cotidiana e aguardam estudos geográficos. (COSGROVE, 1998, p. 121).

Prosseguindo com as reflexões sobre a paisagem das Ruínas de São Francisco, podemos verificar a **paisagem emergente** através das práticas de yoga. Os exercícios de yoga são oferecidos pelo projeto Yoga no Parque com o objetivo de proporcionar saúde e o bem-estar da população.

O projeto começou em 2010, com o professor Silvio Lopes. O programa já esteve em mais de 10 locais entre Curitiba e região. Atualmente, se encontra no Parque Barigui, no Jardim Botânico e nas Ruínas de São Francisco (FIGURA 19).

FIGURA 19 - PRÁTICA DE YOGA NAS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO.



FONTE: Yoga no Parque (2018)

O projeto é uma parceria com a rádio Mundo Livre Fm para ocupar a praça. Ele está nas Ruínas desde 2015. Essa atividade tem melhorado em alguns aspectos, principalmente o acesso de pessoas que só podem fazer as aulas aos domingos. Além disso, a presença do yoga e outras atividades esportivas realizadas



pela Mundo Livre Fm atrai muitas famílias que querem participar ou apenas observar.

De acordo com Cosgrove (1998, p. 118), as paisagens emergentes resultantes dessa cultura se configuram como transitórias e seu impacto permanente é relativamente pequeno. Todas as paisagens emergentes têm em sua geografia sistemas simbólicos muito particulares.

Assim como as lojas de alimentos alternativos e pequenas propriedades orgânicas (COSGROVE, 1998, p. 119), o yoga também faz parte da cultura emergente. Nesse sentido, a paisagem das Ruínas de São Francisco obtida pelo yoga traz consigo a revalorização da experiência e significado. Diferente das paisagens expostas pelas culturas excluídas e culturas dominantes.

O centro histórico de Curitiba apresenta um conjunto de elementos residuais que remetem a variados tempos. Como dito anteriormente, tem-se a Igreja do Rosário, a Igreja da Ordem, o Palácio Wolf, a Casa Romário Martins, entre outros.

Nessa perspectiva, a paisagem das Ruínas de São Francisco também pode ser considerada residual. Embora os elementos na **paisagem residual** mudem de significado ao longo do tempo, ela nos permite a reconstrução do passado. É mostrado na Figura 20 um paralelo entre a paisagem passada e a presente.

FIGURA 20 - IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE PAULA (DIREITA) E RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO (ESQUERDA).



FONTE: Casa da memória e a autora (2018), respectivamente.

A paisagem das Ruínas de São Francisco passou de dominante para residual a partir do momento que a igreja São Francisco de Paula caiu em completo abandono por parte dos superiores da igreja católica. Outro motivo para a

transformação da paisagem foi a construção da Praça João Candido e do anfiteatro que lhe conferiram outros significados.

A mudança de significado na paisagem das Ruínas é perceptível. Em tempos pretéritos a paisagem revelava o exercício da cultura dominantes praticado pela igreja católica no bairro São Francisco e pelo poder do Coronel Manoel Guimarães. Atualmente, sua paisagem é significada e valorizada por outros grupos sociais explanados anteriormente.

De acordo com Cosgrove (1998, p. 117), as paisagens residuais se caracterizam pelos resquícios de elementos do passado, por exemplo igrejas, cemitérios, casarões e edifícios. Muitos desses elementos estão presentes em paisagens atuais. Assim, entendemos paisagem residual como aquela que resiste ao fator tempo e mudam de significados de acordo com a cultura vigente.

Nos países de língua inglesa, como o Reino Unido, a cultura era entendida de acordo com as ideias de Raymond Williams. Foi com as concepções de Williams que Denis Cosgrove propôs uma visão de cultura como “[...] um instrumento de dominação, usado pelas classes mais altas para impor às classes mais baixas comportamentos conformes seus interesses.” (CLAVAL, 2011, p. 8)

Aliada a essa visão de cultura, a paisagem é entendida como uma forma de ver articulada ao mundo externo como uma “cena”, resultando em uma unidade visual. Assim, Cosgrove expõe três diretrizes para a compreensão da paisagem: I) devemos focar nas formas visíveis, sua composição e estrutura espacial; II) refere-se à unidade, coerência e concepção racional do meio ambiente; III) a paisagem é resultado da intervenção humana, que controla as forças transformadoras. (COSGROVE, 1998, p. 99)

Em *Social Formation and Symbolic Landscape*, Cosgrove (1984) expõe que a forma como a cidade é organizada, como os jardins são construídos, ou a sua arquitetura revelam o poder das classes superiores. Através dessa paisagem urbana que são impostas a visão de mundo e estética para os grupos sociais mais baixos.

Para Correa (2011), a paisagem em Cosgrove (1984) tem uma função fundamental. A paisagem é um agente que exerce um papel primordial na reprodução da cultura. Dessa forma, deixa de lado a concepção de cultura supraorgânica tida pelos geógrafos da Escola de Berkeley.

A inserção da paisagem em uma formação social constitui uma grande contribuição de Denis Cosgrove (1984), desconectando-a da visão da paisagem como o resultado da cultura – entidade supraorgânica – agindo ao longo do tempo sobre uma paisagem natural, conforme a interpretação saueriana. A paisagem não é apenas o produto, mas um agente ativo que desempenha importante papel na reprodução da cultura. (CORREA, 2011, p.13).

O pensamento de Denis Cosgrove mostra que as inter-relações do homem com o meio estão além das divisões de grupos sociais. Em todos os níveis desses grupos se constroem representações e símbolos decorrentes da apropriação e modificação da natureza pelo homem. Tais transformações podem ser apreciadas na paisagem. Por isso, Cosgrove (1998) entende que todas as paisagens possuem significados e símbolos. Cabe ao geógrafo decodificar essa paisagem e aprender a interpretar os seus significados.

É dessa forma que entendemos as paisagens das Ruínas de São Francisco. Os significados na paisagem são expressões promovidas pelas culturas em diferentes tempos. As marcas na paisagem são promovidas por cada grupo social e suas culturas, e assim são formadas as camadas de significados.

Abreu (1998) diz ainda que para reconhecer qualquer vestígio do passado, seja uma forma arquitetônica que ainda permanece na paisagem, seja documentos e registros é preciso saber que nenhum deles é neutro. Por isso, é de extrema importância contextualizar os resíduos do passado, saber quem e em qual momento foi produzido. Essas questões devem ser o primeiro passado a ser tomado. O autor ainda continua:

Não aceitar como definitiva qualquer interpretação já dada sobre o passado é o passo seguinte. Como já visto, os seus vestígios sempre podem ser relidos e reinterpretados e é por essa razão que a história é mais confiável do que a memória. Nesse esforço de interpretação é importante, entretanto, que estejamos sempre preparados para descobrir o novo e sempre precavidos contra as explicações a priori, contra os grandes esquemas analíticos que diem tudo e que, ao mesmo tempo, não dizem nada. (ABREU, 1998, p. 88).

Assim foram interpretadas as Ruínas de São Francisco, as quais contribuem para compreensão da sua paisagem. Dessa forma, compreende-se que as Ruínas são elementos cheios de intencionalidade tanto pelas culturas que produzem e dão sentido quanto pelas pessoas que frequentam o espaço e o entorno.



## 2.4 PERCEPÇÃO E PAISAGEM

A partir das perspectivas de análise da paisagem elencadas podem haver uma maior diversidade conforme a percepção dos indivíduos o que norteará a pesquisa empírica posteriormente apresentada.

Conforme Amorim Filho (1987), os estudos de percepção ambiental sempre nortearam os trabalhos na geografia. No entanto, a partir da década de 1970 esses estudos tornaram-se mais significativos. Nesse período, duas linhas epistemológicas se fortaleceram para desafiar o predomínio do paradigma teórico-quantitativo: a geografia radical e a geografia da percepção. A primeira linha entende que o espaço geográfico é um produto social e só pode ser entendido em suas estruturas e processos. Já a segunda, afirma que as pessoas se comportam no mundo real baseado nas imagens subjetivas dele.

Para Tuan (1980, p. 4), a percepção é “tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”. A percepção envolve ainda aspectos biológicos e culturais, além de ser diferente de atitude e visão de mundo:

Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. Atitude é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. [...] A visão do mundo é a experiência conceitualizada. Ela é parcialmente pessoa, em grande parte social. Ela é uma atitude ou um sistema de crenças [...]. (TUAN, 1980, p 4-5)

Nesse sentido, as pessoas percebem o mundo externo através dos órgãos dos sentidos e das visões que ela tem desse mundo baseados em suas crenças e valores culturais. De acordo com Lowenthal (1982), cada indivíduo tem um modo particular de ver o mundo, cada um escolhe e reage ao meio de formas distintas. Dessa forma, o indivíduo decide ver ou evitar alguns aspectos que estão ao seu redor, pois “[...] tudo o que percebemos a propósito de um objeto afeta a maneira pela qual ele aparece a nossos olhos, nenhum objeto está apto a aparecer o mesmo a qualquer que sejam dois seres perceptivos”. (LOWENTHAL, 1982, p. 124)

Rocha (2002) corrobora com essa perspectiva, a autora ressalta que a percepção é responsável pela maneira como se vê o mundo, por isso “há tantos

mundos quantas forem as percepções” (ROCHA, 200, p. 78). Isso ocorre porque cada pessoa olha a sua volta de forma diferente de acordo com as suas experiências e conhecimentos obtidos ao longo da vida.

Através da experiência que as pessoas conhecem e constroem a realidade. As sensações provocadas pelos cinco sentidos do corpo humano são fundamentais para o processo de percepção. O homem percebe o seu meio a partir da visão, audição, tato, paladar e olfato. Através dos sentidos que as sensações serão transmitidas de forma seletiva e imediata, ela passa pelos filtros culturais e individuais resultando na percepção.

Tuan (1980) aponta que o homem depende muito da visão, sobretudo para evoluir no mundo. O campo visual torna o mundo mais amplo e com mais informações. Já para Collot (2012) a visão organiza e interpreta o fluxo de dados sensíveis, de modo a torná-lo uma mensagem e como resultado fundam a estrutura da percepção visual.

O tato também propicia uma grande quantidade de conhecimento. Segundo Tuan (1980), não é necessária uma habilidade especial para diferenciarmos algumas texturas, como a do metal ou da madeira, por exemplo. A natureza essencial do tato é revelada quando pensamos que uma pessoa sem visão ainda pode atuar no mundo.

A audição é o sentido que o homem mais se sensibiliza. Os sons da chuva, do trovão, do vento e do choro estimulam com mais intensidade do que uma imagem visual, além de dramatizar a experiência espacial (TUAN, 1980. O valor da audição é evidenciado quando há uma perda súbita. Nesse caso, o espaço tende a se contrair porque a experiência do homem no mundo é aumentada pelo sentido da audição, a qual oferece para ele informações além do campo visual.

A percepção ligada ao olfato e ao paladar são bastante parecidas. Assim como os sabores, o olfato também está relacionado às memórias e emoções. Gratão e Marandola Jr. (2011) afirmam que o paladar transporta nossa mente para outros lugares e para recordações de sentimentos agradáveis ou desagradáveis. Em Tuan (1980, p. 11), “O odor tem o poder de evocar lembranças vívidas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas. ”

As sensações experimentadas com o paladar, tato e olfato não são capazes de forma individual tornar ciente o mundo exterior habitado por objetos. Todavia, quando esses sentidos agem junto com a visão e o tato melhoram a apreensão do

caráter espacial e geométrico do mundo (TUAN, 1983). Portanto, os sentidos agem simultaneamente para auxiliar o homem a apreender aquilo que está a sua volta.

De acordo com Del Rio (1995), a percepção é um processo mental apoiado nas sensações que são transmitidas ao cérebro cinco sentidos. Esse processo é seletivo, de modo que a mente humana só se conscientiza de parte das sensações. Nesse caso, a visão é o sentido que mais se destaca. Gratão e Marandola Jr (2011) concordam com esse entendimento ao afirmarem que o ambiente é construído e percebido baseado na visão, pois ela é mais desenvolvida na cultura ocidental. Isso não quer dizer que os outros sentidos não são importantes, pelo contrário, todos são relevantes, dado que o mundo não é composto apenas de cores e formas.

Assim, Oliveira (1999) distingue sensação e percepção. Enquanto a sensação está relacionada ao campo visual e é limitada aos órgãos sensoriais, a percepção diz respeito ao mundo visual sendo realizada no córtex cerebral. Nesse contexto, o campo visual possui características que colaboram com a descrição do mundo visual:

O campo visual é definido nos seguintes termos: possui fronteiras; muda de direção; é orientado pelas margens da visão; a cena é vista em perspectiva, isto é, um objeto eclipsa o outro; a forma sofre mudanças com a locomoção do sujeito; é uma sensação visual – o objeto é sentido e visto. E o mundo visual é assim descrito: não possui fronteiras; não muda de direção; é orientado pela gravidade; a cena é vista euclidianamente, isto é, um objeto atrás do outro; a forma é constante com a locomoção; é uma percepção visual – o objeto é percebido e conhecido. (OLIVEIRA, 1999, p. 207)

Os estudos de percepção orientaram novas pesquisas no campo da geografia. O lugar e a paisagem passaram a ser entendidos a partir de sua dimensão perceptiva, experiencial e sensorial. As percepções puderam ser examinadas como construções culturais e de identidades repletos de significados (GRATÃO E MARANDOLA JR, 2011). A importância da percepção é apontada por Claval (2001), quando o autor afirma que não existe uma perspectiva universal e objetiva sobre a compreensão do espaço, pois cada indivíduo ou grupo tem percepções diferentes.

Essa vertente da geografia possibilitou aos indivíduos e aos geógrafos uma melhor consciência do mundo<sup>27</sup>. Através da percepção o homem é capaz de a

---

<sup>27</sup> Segundo Holzer (2008, p 139), a percepção ambiental está diretamente relacionada com a aproximações humanísticas na geografia. David Lowenthal dizia que o principal problema da geografia é que só se preocupava com a natureza do ambiente, considerado o “mundo real”. Enquanto que os “temas ligados ao “meio pessoalmente apreendido”, ou seja, comportamento



compreender a si mesmo e o ambiente à sua volta. Para os geógrafos, a percepção permitiu o estudo da relação do homem com o meio a partir da perspectiva do próprio homem, levando em consideração suas experiências, sensações e pensamentos.

Del Rio (1995) relaciona os estudos de percepção com paisagem. O autor entende a paisagem como um cenário que nos cerca, participa e conforma o nosso cotidiano. Atualmente, há um esforço para obter um conceito de paisagem mais abrangente, de forma a integrar diferentes olhares e maneiras de compreendê-la. Por isso, os estudos dos processos perceptivos tornam-se fundamentais para o entendimento das relações do homem com o mundo e a realidade.

Nessa perspectiva, Del Rio (1995) pontua diferentes estudos que mostram a relevância das pesquisas relacionadas a percepção da paisagem. Dentre as pesquisas, destacam-se três: I) os estudos concernentes as resultantes do processo perceptivo, por exemplo, como as condutas<sup>28</sup>; II) os estudos de paisagem relativos a compreensão das sensações e sentimentos que o ambiente físico estimula o observador; e , III) por fim, os estudos de cognição, que procuram compreender como o ambiente é lembrado.

Collot (2012) ressalta que só se deve falar em paisagem a partir da sua percepção. Inicialmente, a paisagem é definida como o espaço percebido, ela é composta pelo aspecto visível, perceptível do espaço. Essa percepção organiza os dados sensoriais para lhe dar sentido, assim a paisagem percebida é construída e simbólica. O autor confronta três conceitos usais de paisagem para mostrar como “a organização perceptiva se investe de significações ligadas a existência e ao inconsciente do sujeito que percebe a paisagem”. (COLLOT, 2012, p. 11)

O primeiro conceito de paisagem em Collot (2012) é examinada como um ponto de vista. Há uma dupla relação entre a paisagem percebida e sujeito perceptivo, nesse caso “enquanto horizonte, a paisagem se confunde com o campo

---

humano e ao modo como a paisagem é modelada e construída, vinha sendo negligenciado. ” Y-Fu Tuan foi outro geógrafo que apontou outro tema que era esquecido: “o das atitudes em relação à natureza focalizando a atenção nas paisagens que adquirem um significado simbólico especial. ” Depois dessas proposições, a geografia direcionou seus estudos para a percepção preocupando-se com a relação do homem com o meio que ele vive a partir de suas motivações, julgamentos e sentimentos.

<sup>28</sup> De acordo com Del Rio (1995), o objetivo desses estudos é compreender as inter-relações do homem com os ambientes e as paisagens. Nesse contexto, admite-se que os ambientes e as paisagens podem influenciar de modo consciente ou inconsciente o comportamento do indivíduo ou de um grupo.

visual daquele que olha, mas ao mesmo tempo toda consciência sendo consciência de... [...]”. Portanto, há um fluxo constante entre a visão e a consciência.

A paisagem como parte apresenta ao olhar como a fração de uma região. Collot (2012, p 14) afirma: “a posição do espectador, que determina a extensão do seu campo visual, e o relevo da região observada. ” O autor ainda ressalta que a paisagem é caracterizada por espaços que não são visíveis de um ponto de vista. Tais espaços, ou como Collot (2012) os denomina de “lacunas”, são preenchidas pela percepção, a qual sempre transcende o simples dado sensorial. Na paisagem, aquilo que não é visível relaciona o campo visual de diferentes sujeitos, de forma que “o que é invisível para mim em determinado instante é o que um outro, no mesmo momento, pode ver”. (COLLOT, 2012, p 15)

Por último, a paisagem como conjunto se constitui como totalidade, ela integra o todo apreensível “de um golpe de vista”. Nesse contexto, Collot (2012, p 16) afirma que a paisagem se torna um quadro, assim “o enquadramento perceptivo invoca a tela, e é essa uma das razões que faz da paisagem percebida um objeto estético, apreciado em termos de belo ou feio. ” A paisagem quando é capaz de significar, ela se mostra como uma unidade de sentido e fala àquele que a olha.

De acordo com Oliveira (1989) há uma relação correspondente entre a paisagem e o homem, ou seja, entre o mundo externo e o mundo pessoal interior. A paisagem é apreendida como um “[...] cenário de um mundo vivido, onde as pessoas nascem, crescem, se locomovem e se orientam, tocam, cheiram, ouvem e sentem, gostam e desgostam; enfim, passam ali toda a sua vida”. (OLIVEIRA, 1989, p. 2). Nesse âmbito, a paisagem está a todo momento sendo recriada, pois o homem é o elemento essencial para sua significação.

Para Oliveira (1989), o significado da paisagem é revelado com base na percepção e na experiência do sujeito. O laço afetivo que envolve o homem e a paisagem resulta da valorização de alguns dos seus elementos. Os componentes da paisagem são valorizados a partir das individualidades, propósitos e aspirações de cada pessoa somados a forças culturais atuantes num determinado período. Por isso, os estudos de percepção das paisagens tornaram-se relevantes uma vez que “[...] expressa a preferência, o gosto e as ligações afetivas dos seres humanos e das suas comunidades para com os lugares, as paisagens e com próprio meio ambiente.” (OLIVEIRA, 1989, p. 3)

Os significados que conferem a paisagem das Ruínas de São Francisco partem de uma vivência e de uma experiência, as quais possibilitam uma percepção única para cada sujeito. Nesse sentido, a paisagem é uma forma de olhar e de sentir o espaço, cada elemento nela inserido são revestidos de significados, valores e identidade.

### **CAPÍTULO 3 – DESVELANDO AS PERCEPÇÕES DAS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO**

Buscou-se nesse capítulo apresentar a metodologia escolhida, a qual consiste em uma abordagem qualitativa e de caráter exploratório. Inicialmente são explanados os procedimentos metodológicos que direcionaram a escolha e a aplicação da entrevista semiestruturada, assim como a exposição dos resultados obtidos.

#### **3.1 A PESQUISA EMPÍRICA: PERCURSOS METODOLÓGICOS**

Segundo Guerra (2014), na abordagem qualitativa o pesquisador busca aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda, em seguida interpreta-os de acordo com a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação. Para Minayo (2001, p. 21) a pesquisa qualitativa “[...] se ocupa do universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...]”, os quais estão relacionados a um espaço mais profundo das relações, processos e fenômenos que não podem ser quantificados. Por tais características, a presente dissertação se enquadra nesse tipo de abordagem, pois está pautada na investigação da percepção dos sujeitos sobre a paisagem das Ruínas de São Francisco. Logo, trabalhou-se com dados que exprimem as subjetividades desses sujeitos.

A pesquisa qualitativa interessa-se pelas pessoas e suas criações. Essas pessoas devem ser entendidas como atores sociais dotados de opiniões, crenças e valores. Nesse sentido, a fala é fundamental no trabalho de coleta de informação (GUERRA, 2014). De acordo com Minayo (1993) a palavra é o material primordial numa investigação qualitativa, uma vez que aquela indica a fala cotidiana, seja nas



relações afetivas e técnicas, seja nos discursos tanto intelectuais quanto políticos. A autora ainda acrescenta,

[...] a fala torna-se reveladora de condições estruturais, de sistema de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles), e, ao mesmo tempo, possuía a magia de transmitir, através de um porta-voz (o entrevistado), representações de grupo determinados em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas. (MINAYO, 1993, p. 245)

Dessa forma, entendemos que a fala de cada sujeito é rica e reveladora (GUERRA, 2014), por isso adotamos a entrevista como técnica de pesquisa. De acordo com Cruz Neto (2001), por meio da entrevista o pesquisador obtém informações que estão contidas na fala dos atores sociais. Através de tal procedimento pode-se alcançar dados objetivos e subjetivos. O primeiro está relacionado ao censo e as estatísticas; enquanto que o segundo está associado aos valores, atitudes e opiniões dos sujeitos entrevistados, como é o caso dessa dissertação.

Marconi e Lakatos (2003) apresentam as vantagens da entrevista como coleta de dados: I) Pode ser utilizada com qualquer segmento populacional; II) Oferece melhor amostragem da população geral; III) Flexibilidade para o entrevistador esclarecer ou formular as perguntas de outra forma; IV) Tem-se a oportunidade de observar gestos e reações do entrevistado; V) Oferece dados que não se encontram em fontes documentais; VI) É possível conseguir informações precisas.

Enfim, o diálogo entre entrevistador/entrevistado é uma oportunidade de compreender a visão de mundo do outro. A conversa fornece dados para o entendimento das crenças, valores, julgamentos e atitudes dos sujeitos em relação a contextos sociais específicos.

Nesta pesquisa, decidiu-se pela realização de entrevista semiestruturada, pois há maior flexibilidade em relação as questões colocadas pelo entrevistador e maior liberdade de resposta para o entrevistado. De acordo com Guerra (2014), a entrevista semiestruturada pode conter perguntas fechadas e abertas que possibilitam ao entrevistado falar mais livremente sobre o tema proposto. Além disso, proporciona ao entrevistador fazer questionamentos que podem surgir ao longo do diálogo. Por este viés, Manzini (1990/1991, p. 154) entende que

A entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista.

Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas. (apud Mazini, 2004, p. 3)

Antes da execução da entrevista, houve um planejamento prévio acerca da pergunta. No roteiro (APÊNDICE 1), optou-se por fazer apenas um questionamento para a condução da pesquisa, afim de permitir ao entrevistado uma maior espontaneidade sobre sua percepção a respeito do objeto de estudo. Em razão de algumas pessoas desconhecerem<sup>29</sup> as Ruínas de São Francisco, também foi apresentada uma fotografia atual delas antes de iniciar a entrevista.

A entrevista foi aplicada a um grupo variado de pessoas sobre as Ruínas de São Francisco. A seleção dos sujeitos é justificada a partir do interesse em obter as diferentes percepções da paisagem, além de verificar as diferenças e semelhanças dessas percepções. Dessa forma, pode-se apresentar um diagnóstico sobre como as pessoas percebem as Ruínas de São Francisco.

Para a execução das entrevistas, apontamos três importantes diretrizes que foram seguidas: I) criar condições cordiais para abordar o entrevistado e durante a fala dele; II) é imprescindível manter neutralidade por parte do pesquisador durante a entrevista; e, III) respeito as crenças, valores e cultura do entrevistado. (GUERRA, 2014; TRIVIÑOS, 1987)

A pesquisa ocorreu no período de novembro de 2018, no total de 20 pessoas abordadas, sendo que 18 foram selecionadas para análise. O questionário foi composto pela seguinte pergunta: Qual a sua percepção sobre as Ruínas de São Francisco. As pessoas que participaram foram abordadas em diferentes locais, dias e horário no Centro Histórico de Curitiba bem como no entorno das Ruínas de São Francisco. O horário das entrevistas foi entre o período da manhã e da tarde em todos os dias da semana. Para a gravação das falas foi utilizado o aplicativo Gravador de Voz no smartphone. Vale ressaltar que houve muitas rejeições para a realização da pesquisa, sobretudo para gravar as falas dos sujeitos.

Através da observação foram captadas a movimentação nas Ruínas de São Francisco e no entorno em dias e horários distintos. Em dias de semana pela primeira parte da manhã, ou seja, entre as 8h e 10h, algumas pessoas em situação

---

<sup>29</sup> Numa prévia saída de campo, constatou-se que algumas pessoas desconhecem as Ruínas de São Francisco. Muitas vezes os próprios curitibanos não associam o nome ao lugar. Para evitar possível estranhamento sobre a localização ou que são as Ruínas de São Francisco, decidiu-se levar a campo uma fotografia da mesma.

de rua ocupam parte das Ruínas e o anfiteatro, normalmente nesse horário eles saem de ambos os locais. As pessoas que moram no bairro também movimentam as ruas para fazerem atividades cotidianas, como por exemplo academias e consultas em médicos.

A partir das 10h, é possível perceber que há um maior fluxo de pessoas que trabalham no bairro, sobretudo na área de telemarketing e bares. Nesse mesmo período do dia, o anfiteatro é ocupado por grupo de jovens e namorados. Também foram vistos um grupo de adolescentes e um turista tirando fotos das Ruínas.

O período da tarde, normalmente não tem muita movimentação. A Praça João Candido bem como as Ruínas de São Francisco e o Anfiteatro ficam vazios. Isso também acontece nos sábados à tarde.

A movimentação fica por conta do domingo devido a feira do Largo da Ordem. O número de vezes que as pessoas fotografaram as Ruínas de São Francisco aumentaram, também aos domingos ocorrem as aulas de Yoga e Capoeira.

Dessa forma, percebe-se que diferentes pessoas com diferentes objetivos passam pelas Ruínas de São Francisco ou ao menos no seu entorno. Por isso, salientamos a importância da execução da entrevista em diferentes dias e horários.

A seguir, serão apresentados os resultados da pesquisa. Inicialmente, os dados serão expostos de forma individual, ou seja, por cada participante. Em seguida, faremos uma análise geral das falas dos participantes, refletindo sobre as percepções a respeito das Ruínas de São Francisco.

### 3.2 AS RUÍNAS DE SÃO FRANCISCO NA PERCEPÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Decidiu-se por apresentar individualmente as entrevistas devido as singularidades de cada sujeito, uma vez que existem diferentes visões de mundo. Dessa forma, pode-se compreender melhor a percepção que as pessoas têm da paisagem das Ruínas de São Francisco.

#### Entrevistado I

Abordada próximo as Arcadas de São Francisco no período da manhã, a conversa durou pouco menos de um minuto, pois a entrevistada estava com pressa.



A participante I de 28 anos morava no Centro de Curitiba. Trabalhava como autônoma.

Sobre a percepção que a mesma tinha em relação as Ruínas de São Francisco, a entrevistada explanou que ali era um local que remetia a muitas recordações de sua infância. Conforme ela destaca na fala a seguir:

Minha mãe trabalhava num hotel aqui perto, aí a gente sempre vinha... principalmente no final de semana, no sábado. Minha mãe trabalhava no sábado. Daí eu lembro que eu vinha com minha mãe e ficava passeando pelas Ruínas. (ENTREVISTADA I, 2018)

A primeira percepção que a entrevista tem sobre o objeto de estudo é através da memória. Quando questionada novamente, com outras palavras acerca de sua percepção, a participante responde:

Ah! Eu acho legal. Se tem é porque é uma história boa de Curitiba. Mas eu tenho uma boa recordação.... Eu gosto... (ENTREVISTADA I, 2018)

#### Entrevistado II

O entrevistado II, tem 63 anos foi abordado numa terça-feira próximo as Arcadas de São Francisco no período da manhã, a entrevista durou pouco menos de um minuto, pois participante demonstrava pressa. O participante é aposentado e morador do bairro Bigorriho. Ele passa eventualmente no entorno da Ruínas de São Francisco quando necessita ir ao comércio ou ao Centro Histórico de Curitiba.

O participante expôs certo interesse pela história das Ruínas, quando o mesmo revelou ter pesquisado sobre elas em sites de busca. Verifica-se que ele percebe as Ruínas de São Francisco através de sua história. De acordo com sua fala

Eu pesquisei na internet que ela seria uma igreja, mas não deu sequência. Não sei qual o motivo disso, mas o que eu sei é que ou ela seria uma igreja ou retiraram parte de outra igreja, não tenho certeza. (ENTREVISTADO II, 2018)

#### Entrevistado III

O entrevistado III, tem 48 anos e mora num bairro próximo ao Centro. O participante foi abordado na Praça João Cândido, numa manhã de quarta-feira,

demonstrou um certo entusiasmo em fazer parte da pesquisa, a entrevista durou um pouco mais de dois minutos. O participante revelou que sempre está no Centro Histórico, pois trabalha fazendo o remanejamento de limpeza de praças pela Prefeitura Municipal de Curitiba.

O participante afirma que já conhecia as Ruínas de São Francisco e que é uma obra muito bonita. Através delas que se conta a história da cidade de Curitiba, além disso também é uma forma de ver a história. Por isso, o entrevistado expõe, que é uma grande satisfação ser preservada. Assim, ele aponta: “A impressão que eu tenho é que é uma coisa muito linda, na forma de você contar a história, de ver a história. Para mim, é gratificante deles *preservar* isso.” (Entrevistado III, 2018).

O entrevistado III demonstrou otimismo quanto a conservação das Ruínas de São Francisco. Com a Reforma do Belvedere, ele acredita que a instituição responsável pelas Ruínas irá cuidar melhor delas.

*Pra mim, isso é história. É algo que parou no tempo e que continua aí. Acho até que deve cuidar mais um pouco do que estão cuidando. Já cuidam, mas aqui é muito vândalo. Com a reforma agora aqui, acho que vão ter mais tempo *pra* cuidar, acredito que vai melhorar.* (ENTREVISTADO III, 2018)

#### Entrevistado IV

O entrevistado IV foi abordado na calçada oposta a das Ruínas de São Francisco no período da manhã de quarta-feira. O participante tem 35 anos, é natural de Ibaiti no estado de São Paulo. Ele afirma que chegou a Curitiba há 4 meses, desde então mora no bairro São Francisco.

Ele revela que conheceu as Ruínas de São Francisco semanas antes a ocasião da entrevista. No entanto, ele tem pouco conhecimento sobre a história das Ruínas. Destaca que já presenciou alguns eventos culturais no local. Ele ainda mencionou que não é muito atento as Ruínas, por isso muitas vezes não as percebe.

*Fiquei sabendo que isso aqui são as Ruínas de São Francisco há poucas semanas. Nem tenho muito conhecimento. Já vi shows culturais. A gente passa aqui meio despercebido, a gente só sabe porque está no mapa da cidade. Mas eu acho interessante. Já ouvi falar muito sobre o bairro, que é histórico.* (ENTREVISTADO IV, 2018)

### Entrevistado V

A entrevistada V foi abordada na calçada oposta a das Ruínas de São Francisco no período da manhã de quarta-feira e a conversa durou dois minutos. A participante tem 23 anos, é residente no município de Colombo, situado na Região Metropolitana de Curitiba. Ela frequenta o bairro São Francisco diariamente por conta de seus estudos.

Inicialmente, a participante afirma não conhecer a história. Contudo, ela tenta entender qual era a função ou o que foi as Ruínas de São Francisco quando foi construída. Assim, afirma: “A impressão que eu tenho é de que foi algo onde as pessoas iam para rezar. ”

Em seguida, ela revela que apenas começou a notar as Ruínas quando começaram a reformar o Belvedere. A partir desse momento, ela constatou que as Ruínas de São Francisco não estão em consonância com o Belvedere, pois são construções de tempos distintos e uma está concluída e a outra não. Conforme pode ser constatado em sua fala: “Parece que ela [Ruínas de São Francisco] está meio desconexa do resto porque são coisas de tempos diferentes, e um está inteiro (Belvedere) e outro está em ruínas. ” (Entrevistado V, 2018)

### Entrevistado VI

O entrevistado VI foi encontrado caminhando pela calçada oposta a das Ruínas de São Francisco, no período da tarde de uma quarta-feira. A conversa durou dois minutos. O participante tem 23 anos. É residente do município de Piraquara, situado na região metropolitana e trabalha no bairro São Francisco.

O participante afirma que quando era criança ia muitas vezes nas Ruínas de São Francisco, pois ele brincava em seu entorno juntamente com seus primos, época em que tinha mais tempo para o lazer. Dessa forma, destaca: “Eu vinha muito com minhas tias e meus primos, a gente ficava brincando aqui, mas agora não venho. Eu vinha quando eu tinha entre 5 e 7 anos. ”

Além disso, ele salienta que “[...] as Ruínas continuam bonitas. Às vezes é mal frequentado. ” (ENTREVISTADO VI, 2018)



### Entrevistado VII

O entrevistado VII foi abordado enquanto estava passando pelo entorno das Ruínas de São Francisco numa tarde de quarta-feira. A conversa não passou de um minuto.

O participante tem 29 anos e trabalha no bairro há 1 ano. Ele ressalta que já conhecia as Ruínas de São Francisco, pois sempre frequenta o Largo da Ordem, sobretudo a feira do Largo aos domingos.

O participante enfatiza que em períodos anteriores as Ruínas de São Francisco estavam, segundo suas próprias palavras, “largadas”. Mostrou-se otimista quanto a reforma do Belvedere, pois “parece que vai ficar bonito.” (Entrevistado VII, 2018). Ele ainda chama a atenção para as pichações: “[...] espero que eles cuidem, porque tem muita pichação ali. Essa é a minha principal visão. Sempre que venho ao Largo da Ordem eu passo por aqui, *pra* dar uma olhada, visitar.” (Entrevistado VII, 2018).

### Entrevistado VIII

A entrevistada VIII foi abordada próximo ao Palácio Garibaldi numa tarde de quarta-feira. A conversa durou um pouco mais de três minutos. Ela tem 75 anos, é aposentada e mora no bairro São Francisco, próximo à praça Generoso Marques. É residente de Curitiba há 40 anos.

A participante fala das suas boas lembranças. Segundo ela, as Ruínas de São Francisco não era um lugar tão perigoso, por isso muitas vezes ela ficava ali com os amigos conversando. Aponta também que o lugar era mais bonito, porém está um pouco abandonado.

Tenho lembrança boa, não era um lugar tão perigoso, era um lugar que todo mundo tinha amizade, sentava ali com os amigos, conversar. Ali era um lugar que era até bonito, agora está assim... um pouco meio abandonado. Devia ter alguma coisa para movimentar, para o povo ter mais segurança, o povo frequentar, porque está meio vazio. (ENTREVISTADA VIII, 2018)

Em seguida, ela expõe que em decorrência do abandono “[...] virou dormitório de indigente, de bandido. É um problema. ” Mostra-se otimista quanto a reforma do Belvedere, assim será melhor cuidada.

Além disso a participante enfatiza que é preciso de ter mais policiamento, pois “[...] a polícia não é só *pra* passar e olhar os bandidos. A polícia tem que agir. Eles dizem que tem o direito de ir e vir. Tenho o direito de ir e vim, mas não de ficar. ” (ENTREVISTADA VIII, 2018)

#### Entrevistada IX

A entrevistada IX tem 51 anos, é curitibana e residente do bairro São Francisco. Morou quase 30 anos no exterior, na ocasião dessa entrevista havia 4 anos que estava de volta a Curitiba.

A participante foi abordada numa manhã de domingo tirando fotos das Ruínas de São Francisco. A conversa durou um pouco mais de cinco minutos.

Na Praça João Candido estava ocorrendo eventos culturais; próximo às Ruínas alguns malabarista brincavam e acontecia aula de capoeira.

A entrevistada IX afirma que gosta muito de coisas antigas, de fotografia e cinema. Por isso, estava fotografando a Praça e as Ruínas. A participante atenta para a mistura de culturas, que é a principal mudança que ocorreu na cidade de Curitiba. Na adolescência era uma cidade muito conservadora.

Sobre as Ruínas de São Francisco, ela ressalta: “acho bonito, acho legal, acho bacana”. Além disso, para ela é muito importante que estejam restaurando o Belvedere e o entorno, “[...] para que as pessoas possam ocupar rotineiramente e não fique abandonado. ”

A participante afirma que não sabe especificamente a história das Ruínas de São Francisco. Contudo, ela suspeita que poderiam ser obras dos frades ou jesuítas. Enfatizando a importância manter as Ruínas:

Acho importante ter as Ruínas porque talvez seja um dos mais antigos, com algumas casas do largo Ordem, as igrejas. E é diferente, eu acho ela de ser assim como é mesmo, que mostra mesmo, o cru. Ela sobreviveu ao tempo.

## Entrevistada X

A entrevistada X foi abordada também numa manhã de domingo tirando fotos das Ruínas de São Francisco, a conversa perdurou por um pouco mais de vinte minutos. A participante tem 50 anos, Curitibana, residente de outro bairro, mas sempre frequenta o Largo da Ordem.

A participante diz que quando era fotógrafa sempre fazia retratos das/nas Ruínas de São Francisco. Para ela, o que mais chama atenção são as grades que envolvem as Ruínas: “Uma coisa que me chama atenção são essas grades.... Entristece, uma coisa tão linda presa, enjaulada. É muito triste você ver [...]”. Ainda se mostra descontente com as pichações existentes nas Ruínas, pois além de ser uma construção bonita, é o patrimônio da cidade. Dessa forma, participante aponta uma maneira para preservação e conservação, que seria com instalação de câmeras e vigilância.

A entrevistada novamente enfatiza sua insatisfação com as grades afirmando que a torna uma obra entristecida e aprisionada.

Ela ficou esquecida porque, quando você passa e vê as grades, você não se interessa. A gente que conhece, que gosta... eu já tive o privilégio de estar ali, então é diferente! E você vê hoje dessa forma, assim: preso, porque ela está presa, ela está triste, uma obra triste. [...] O primeiro impacto que você tem quando olha [as ruínas] é a prisão. Ela está presa, então assim não tem como chamar atenção pela história, pela beleza dela se está atrás das grades, entristece ne?! E ela é linda! [...] .. (ENTREVISTADA X, 2018)

No entanto, ela põe em dúvida a questão da retirada das grades. Possivelmente sem as grades as pessoas poderiam usar as Ruínas para fazer suas necessidades fisiológicas, ou seja, usá-las como banheiro. Para a participante deveria haver um banheiro químico para uso público e conclui: “Então assim, o que interfere bastante na conservação dela [Ruínas de São Francisco] talvez seja isso. Talvez se conscientizassem e colocassem um banheiro público aqui, eu duvido que as pessoas iam entrar [para fazer suas necessidades fisiológicas]. ” (ENTREVISTADA X, 2018)

Em seguida, a entrevistada expõe recordações. As suas fotografias dos anos 1980, 1990 mostram as Ruínas “livres”. Inclusive as Ruínas de São Francisco eram utilizadas como cenário para realização de *books* fotográficos.

Então quando a gente falava assim: vamos para um parque? [...] Primeiro a gente pensava: Vai ser domingo? Vamos lá para o Largo, vamos lá para as



Ruínas que lá vai está bom. Era garantido, porque se o céu estivesse nublado elas [as Ruínas de São Francisco] estariam lindas, se estivesse sol elas estariam lindas mais ainda. Então, o tempo não interferia [na fotografia]. O fotógrafo pode ser péssimo, a modelo pode não ajudar, mas o fundo fica sempre espetacular (ENTREVISTA X, 2018)

Ela conta que sempre vinha a Feira do Largo com seus amigos para comer pastel e sentavam na grama envolta das Ruínas. Isso posto, ela contrasta com o momento presente atentando para o fato de haver feira dos dois lados das Ruínas, contudo o movimento é baixo nelas e na arquibancada. Por isso, a participante reafirma que não é mais como antigamente quando ambos os espaços eram sempre cheios de pessoas, “[...] quando você passava nos domingos era muito cheio”, mencionada a entrevistada.

Mais uma vez a participante fala da sua tristeza em ver como estão as Ruínas de São Francisco e sua admiração por elas:

Eu vim fazer umas fotos, mas as grades já deram um.... Ainda bem que eu tenho arquivo de lembrança delas livres. Muita gente que passa aqui não faz ideia do que significa isso. Tem gente que passa por aqui e ainda diz: “Nossa! Esse troço aí todo feio e ainda botaram umas grades em volta”. Mas quando elas eram livres era uma outra situação, de qualquer ângulo que você olhasse elas eram lindas, elas eram espetaculares, era uma beleza muito gostosa de se admirar. Hoje você olha, ela está triste. É muito chato ver isso, ainda mais numa cidade como cidade Curitiba, que poderia manter. Eu passo aqui, eu venho sempre aqui no largo, daí eu passo aqui ou sempre que eu estou com algum amigo ou amiga falo assim “Gente, por que que eles não tiram essa grade? ”

A entrevistada ressalta o receio de passar pelas Ruínas no período noturno devido ao consumo e venda de drogas no local. Ela fala da presença de moradores de rua, que contribuem para a sujeira. A participante destaca que nos anos 1990 podia-se até dormir por ali ou passar horas conversando com os amigos tranquilamente, porém hoje é muito perigoso.

A noite eu tenho evitado de passar, se a gente *ta* em 2 ,3 pessoas evitamos de passar porque... os traficantes. Bom, morador de rua.... o problema é a sujeira que eles deixam, mas também se você educar, eles param né?! O problema grande aqui é a venda de drogas e o consumo. E isso também *ta* bem triste aqui. Nos anos 90 isso era diferente, as drogas não apareceram depois dos anos 90, elas já existiam, mas não era assim tão... Escancarado. [...] Agora existe uma pressão, o medo, existe o roubo. (ENTREVISTADA X, 2018)

### Entrevistada XI

A entrevistada XI foi abordada próximo a Fundação Cultural de Curitiba em um dia de quinta-feira, no período da manhã. A entrevista prolongou-se por menos de um minuto. A participante tem 18 anos e é natural da Argentina. Está morando há 3 meses em Curitiba, no bairro São Francisco. Ela conta que está viajando por alguns países para conhecê-los e veio ao Brasil porque a economia do seu país está ruim.

Quando perguntada sobre as Ruínas de São Francisco ela conta que treina malabarismo no seu entorno. Gosta de treinar ali porque é um lugar muito tranquilo. Nesse sentido, ela destacou: “Eu fui aí para fazer malabares. Eu gosto de fazer malabares ali. Me pareceu interessante a estrutura, não sei bem a história. [...] Eu gosto de ir treinar ali. ” (ENTREVISTADA XI, 2018)

### Entrevistado XII

O entrevistado XII, tem 56 anos. Mora em Tatuí, cidade do interior de São Paulo. Está em Curitiba na condição de turista. Ele foi abordado numa manhã de terça-feira, no entorno das Ruínas de São Francisco, fotografando-as. Nossa conversa perdurou por um pouco mais de três minutos.

Sob um olhar atento, lia num painel com fotografias em volta do Belvedere sobre a sua história e das Ruínas.

Sobre as Ruínas de São Francisco, o participante expõe que seu olhar é sempre de curiosidade, de tentar entender o que foram as Ruínas, o que significou sua construção e parte de sua destruição.

Ao ver as fotografias no painel, ele diz que está aprendendo um pouco da história do local. Em seguida, questiona-se: “Será que chegou a ser construída e não foi mantida e virou uma ruína?”.

O participante afirma que as Ruínas contam um pouco da história da cidade. Ele fala que foi ao local movido pela curiosidade e acrescenta sobre a importância do passado:

A gente tem necessidade de saber de onde surgiram as coisas, a mente questiona. [As Ruínas de São Francisco] é sempre algo que existiu e te dá uma ideia... aquela ponte ao passado, que eu sempre tive vontade de atravessar. É uma forma de conhecer o passado ou de ter umas dicas de como eram. (ENTREVISTADO, XII, 2018)

O entrevistado revela que seria melhor se não tivessem as grades, mas põe em dúvida essa afirmação por causa das pichações. Assim, para ele é melhor mantê-las para preservar a construção. Ainda aponta a necessidade de haver educação para poder conservar o patrimônio. Conforme menciona o participante: “Seria melhor se não tivesse as grades.... Por outro lado, as pichações... é melhor manter as grades, manter o que tem. *Pra* não ter grades, você teria que esperar que a população se comportasse de outra forma, talvez isso seja pedir demais. ” (ENTREVISTADO XII, 2018)

#### Entrevistado XIV

O entrevistado foi abordado no entorno da Praça João Cândido numa quinta-feira, no período da manhã. A conversa durou um pouco mais de dois minutos.

O participante tem 65 anos. Curitibano, residente de outro bairro. Ele afirma que raramente vai ao bairro São Francisco ou ao centro da cidade, pois devido ao seu trabalho, viaja muito com caminhão de transporte. Na ocasião da entrevista ele estava no bairro para acompanhar sua esposa ao médico.

Sobre as Ruínas de São Francisco ele afirma que são muito bonitas. Conforme menciona o entrevistado XIV (2018): “Eu acho lindo, bonito ne?! Uma coisa antiga, acho dentro ali muito lindo. ”

#### Entrevistado XV

O entrevistado XV foi encontrado na Rua Trajano Reis, no período da manhã de terça-feira. A entrevista perdurou por um minuto. O participante tem 35 anos, é curitibano e sempre morou no bairro São Francisco.

Ao apresentar a fotografia das Ruínas de São Francisco para o participante e em seguida sendo questionado sobre sua percepção em relação as Ruínas de São Francisco, imediatamente o entrevistado evoca suas memórias de infância.

O participante define a paisagem das Ruínas como nostalgia. “Eu vinha sempre quando era criança brincar, andar de bicicleta. É uma lembrança muito boa.” (ENTREVISTADO XV, 2018)



#### Entrevistado XVI

O entrevistado XVI foi encontrado no entorno da Praça João Cândido, no período da tarde de uma quinta-feira. A conversa durou quase três minutos.

O participante tem 47 anos, trabalha no bairro São Francisco e é residente do bairro Seminário.

Ao ser questionado sobre as Ruínas de São Francisco, o participante afirma que elas estão completamente abandonadas, tanto é que está em ruínas. Ele acredita que “grande parte do que era no passado não existe mais” (ENTREVISTADO XVI, 2018). O participante considera que as Ruínas já não revelam tanto a memória da cidade quanto poderia ter sido em datas passadas.

Para ele, as pessoas passam e não percebem o monumento, pois está muito danificado. O entrevistado aponta que se as Ruínas estivessem preservadas, bem como completas e não apenas parte de uma igreja que não foi finalizada poderia chamar mais a atenção.

O participante reforça que a falta de conservação, de segurança, a presença dos usuários de drogas e o mal cheiro no local não despertam interesse das pessoas, fazendo com que notem as Ruínas. Ele também acrescenta que: “[...] Qualquer monumento público esquecido, ou até privado esquecido, sempre tem alguém lá fazendo mal uso dele. (ENTREVISTADO XVI, 2018)

#### Entrevistada XVII, 2018

A entrevistada XVII foi abordado próximo ao Relógio das Flores, numa tarde de quinta-feira. A entrevista durou um pouco mais de três minutos.

A participante tem 80 anos. É natural de Santa Catarina, porém foi morar em Curitiba muito jovem devido aos estudos. Hoje, ela é residente do bairro Centro. Sempre frequenta o Centro Histórico, pois participa das missas realizadas na Igreja do Rosário.

Sobre as Ruínas de São Francisco, ela fala diz: “Eu tenho uma impressão boa, porque conta a história de Curitiba.” A entrevistada XVII (2018) revelou que não sabe a histórias das Ruínas, “dá uma certa curiosidade saber o que foi”. Contudo, ela ressalta a importância histórica do elemento.

Em seguida, ela afirma que era comum sentar na arquibancada com os colegas da faculdade e reforça dizendo que “são memória boas.” (ENTREVISTADA, XVII, 2018)

A participante reflete: “Hoje, dizem que não dá *pra* ir ali por causa das drogas, tem muita gente drogada. ” (ENTREVISTADA, XVII, 2018). Ainda destaca que os órgãos responsáveis são negligentes com o Centro Histórico da cidade de Curitiba, que deveriam investir melhor nessa parte. Acrescenta que, as gerações posteriores a da entrevistada não sabem o que são as Ruínas de São Francisco, menos ainda sua história.

#### Entrevistado XVIII

O entrevistado XVIII foi abordado numa manhã de quarta-feira próximo ao Belvedere treinando malabarismo. A entrevista perdurou por mais de vinte e cinco minutos.

O participante tem 56 anos, é natural de Maringá, mas faz 25 anos que está em Curitiba. É residente do bairro Centro, por isso sempre frequenta a Praça João Cândido. Ele pratica malabarismo no local há 10 anos

Para o participante, é “legal” cultivar as memórias e o passado. Porém, o preservacionismo “acaba atrapalhando”. Ele exemplifica o Belvedere e diz que

[...] Atrapalha o desenvolvimento aqui da região, porque ele fica só abrigando mendigo. Não tem muita utilidade. Tem um impacto visual grande. Se você olhar daqui [de um dos lados da praça], você não consegue ver o outro lado da praça, então as pessoas usam para fazer as necessidades. (ENTREVISTADO, XVIII, 2018)

Em seguida, ele afirma que a prefeitura municipal utiliza o Belvedere e sua reforma para se promover, uma vez que, na opinião do entrevistado, o local nunca teve utilidade.

Da mesma forma que o participante vê o Belvedere, ele percebe as Ruínas de São Francisco. Para ele, as Ruínas estão relacionadas com a história da cidade, contudo não tem utilidade e só serve para as pessoas fazerem suas necessidades fisiológicas.

Para o entrevistado, no momento presente, as Ruínas atrapalham a visão total da Praça João Cândido. Acrescenta dizendo que elas também são um subterfúgio para os órgãos públicos arrecadarem mais verba e se autopromoverem.

“As grades, pelo menos é um obstáculo”, menciona o entrevistado. Entretanto, mesmo com as Ruínas cercada por grades, as pessoas ainda ultrapassam para fazer as necessidades fisiológicas, fazer sexo e usar drogas.

Você viu que tem dois quartinhos né? Às vezes eles fazem revezamento, tem quatro aqui, quatro ali e quatro esperando para usar o quartinho para queimar pedra. Uma vez tinha congestionamento de *crakento* aqui. E tinha quatro ali, quatro aqui e quatro esperando para usar e era de dia [...] (ENTREVISTADO, XVIII, 2018)

O participante afirma que a igreja que se tornou as Ruínas de São Francisco foi construída com óleo de baleia para fixar suas pedras<sup>30</sup>, pois na época de sua construção não existia ainda o cimento.

Única coisa interessante nessa igreja... Que graças as Deus as baleias agradecem muito que ela não foi para frente. Porque as pedras eram assentadas com óleo de baleia. Ainda não existia cimento. Então essas pedras foram trazidas e foram assentadas com óleo de baleia. (ENTREVISTADO XVIII, 2018)

O entrevistado também exalta o projeto inconcluso da Igreja São Francisco de Paula. Ao seu ver, é “igreja a menos no alto da cidade para a elite e as baleias ficaram muito felizes.” (ENTREVISTADO XVIII, 2018)

No fim, ele ainda destaca que elementos de memória atrapalham o desenvolvimento de uma cidade ou de um bairro. E diz: “Se tirasse esses prédios daqui [as Ruínas de São Francisco e o Belvedere] a praça ia ficar melhor.” (ENTREVISTADO XVIII, 2018)

### 3.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS

Num primeiro contato com os entrevistados foram identificadas características peculiares de cada sujeito, sendo assim observou-se as diversidades em suas falas. A partir dessa observação, refletiu-se sobre a percepção dos sujeitos no tocante a paisagem das Ruínas São Francisco.

Os entrevistados tinham idade entre 20 e 80 anos, do sexo masculino e feminino. As ocupações de cada um eram variadas, as quais incluíram:

---

<sup>30</sup> Não há nenhuma menção nas referências documentais e bibliográficas utilizadas nesta dissertação sobre o uso do óleo de baleia na construção da Igreja São Francisco de Paula/Ruínas de São Francisco.



aposentados, estudante, técnico de telecomunicações, psicólogo, servidor público entre outros.

Com relação ao local de moradia, dentre os entrevistados, houve apenas um turista da cidade Tatuí, no estado de São Paulo, que estava visitando Curitiba pela primeira vez. A respeito dos participantes residentes, as localidades se dividiam entre moradores de bairros de Curitiba e a Região Metropolitana, dos quais alguns sempre moraram em Curitiba e outros residiam na cidade há pouco tempo.

Os entrevistados frequentavam ou passavam no entorno das Ruínas de São Francisco por razões diversas, dentre as quais podemos destacar: moradia, trabalho, estudo e lazer. Por isso, a frequência também varia muito, por exemplo, há quem passe pelas Ruínas diariamente, há quem passe ou permanece apenas nos finais de semana e os que raramente vão ao local.

Notou-se que quase nenhum dos entrevistados tinha conhecimento histórico sobre o objeto de estudo. A história não era o foco da entrevista, contudo quando os entrevistados eram abordados e apresentados a foto das Ruínas de São Francisco, antes mesmo de serem questionados sobre sua percepção, a maioria já revelava que era de seu desconhecimento a história. Alguns dos participantes demonstraram interesse em saber, motivados pela curiosidade ou por julgarem importante para história da cidade.

Através dos discursos dos participantes foram identificadas palavras, expressões ou ideias que caracterizam suas percepções. Nesse sentido, esmiuçaremos a seguir cada elemento na fala dos entrevistados.

Os entrevistados IV, XI e XIV mostraram pouca relação com paisagem das Ruínas de São Francisco. Esses participantes utilizaram adjetivos, tais como lindo, bonito e interessante. Nessas percepções, o discurso é acanhado, mantendo-se apenas na superfície da relação do sujeito com a paisagem. A percepção desses sujeitos não excederam os limites dos estímulos visuais. Um caso particular é o do entrevistado IV, que alegou não ser atento as Ruínas. Ao ser questionado, o participante apresentou um esforço para assimilar a paisagem. Ainda assim, as suas percepções permaneceram primárias.

Os entrevistados II, III, V e IX veem a paisagem pela história. O participante III, embora não conhecesse a história das Ruínas, revela ser importante preservá-la, pois conta a história da cidade. Portanto, a paisagem inspira história. Retoma-se aqui a discussão apresentada por Meinig (2003) e Meneses (2002) os quais afirmam

que a paisagem tem uma história, ela exhibe os vestígios de um passado tornando-se verdadeiros depósitos. Nessa paisagem, pode-se compreender a história de sociedades anteriores.

Na fala da participante V, há uma tentativa de se relacionar com a paisagem através da história quando se empenha para revelá-la. A entrevistada também usa o vocábulo “desconexa” para descrever as Ruínas, como se a paisagem fosse anacrônica ou como uma soma de diferentes tempos.

A história também é um elemento fundamental na paisagem para a entrevistada IX, ela destaca a importância histórica das Ruínas de São Francisco. Ao dizer que as Ruínas sobreviveram ao tempo, a participante afirma através da sua percepção a paisagem residual de Cosgrove (1998).

Os entrevistados I e XV acessam a paisagem pela memória. Os sujeitos percebem a paisagem das Ruínas de São Francisco associada às suas lembranças. De um modo geral, a sua relação com a paisagem ocorre de forma linear, pois o sujeito não discute a paisagem, e sim sobre si mesmo. As recordações aparecem em primeiro plano e permanecem nele. Apesar disso, a memória é reforçada por esses participantes. Conforme dito por Halbwachs (1990) e Pollak (1990), a formação da memória envolve as experiências vividas, sejam elas individuais ou coletivas. Nesse sentido, os lugares tornam-se um apoio para o desenvolvimento da memória de cada sujeito.

Além de evidenciarem suas boas lembranças em relação à paisagem, os entrevistados VI, VIII e XVIII vão além das memórias nas suas percepções. Suas falas fazem menção aos usuários de drogas e moradores de rua, os quais são sustentados pelo uso do termo “mal frequentado” e pela expressão “dormitório de indigente e bandido”. Considerando as ideias de Cosgrove (1998), a paisagem excluída é evidenciada por grupos que se encontram às margens das sociedades, tais como apontados pelos entrevistados acima. Assim, a percepção desses entrevistados é focada apenas nos problemas sociais.

Diferente dos participantes acima, o entrevistado VII não tem memórias. Contudo, ele percebe a paisagem através das pichações. No caso, os desenhos e escritas nas Ruínas de São Francisco fazem com que o entrevistado VII perceba a paisagem como “largada”.

Os entrevistados X, XII, XVI e XVIII percebem a paisagem a partir de aspectos muito peculiares, de forma que requerem atenção especial.

A entrevistada X se envolveu de forma profunda com a paisagem, com isso alcançou um nível de percepção muito denso. Há um estímulo visual elevado que resulta em emoções quando a participante atribui tristeza as Ruínas de São Francisco. Além disso, as pichações tornam a paisagem desfigurada, dando a impressão de descuido.

Outro tópico importante na sua fala são as memórias associadas a paisagem. Através das recordações a participante mantém uma conexão muito íntima com a paisagem a ponto de se enxergar nela. Nesse sentido, é importante ressaltar que ao longo da conversa a entrevistada flutua entre o passado e o presente, apresentando características da paisagem de ambos os tempos.

Ainda numa relação cada vez mais profunda com as Ruínas de São Francisco, a entrevistada percebe a paisagem excluída quando expõe os usuários de drogas e os moradores de rua. A entrevistada inclusive cria soluções para preservação e conservação das Ruínas, como por exemplo a instalação de banheiros químicos e investir na educação das pessoas. Isso demonstra que a relação da participante com a paisagem é tão profunda que ela consegue projetar ideias.

O entrevistado XII estava na condição de turista. Nessa posição, o participante não está familiarizado com a paisagem das Ruínas de São Francisco. No entanto, movido pela curiosidade ele tenta se relacionar e perceber tal paisagem a partir da história. Para o participante, as Ruínas são uma forma de conhecer o passado, ao mesmo tempo que estabelece uma ponte com o presente. Portanto, as Ruínas de São Francisco tornam-se elementos de necessidade, dos quais fala Lowenthal (1975). Tais elementos tem a função de lembrar-nos que realmente existiu um passado.

Alguns dos participantes acima falaram sobre a importância histórica das Ruínas de São Francisco e sua função de revelar o passado da cidade. Diferente dessa reflexão, na percepção dos entrevistados XVI e XVIII a paisagem residual que Cosgrove (1998) explana, não faz sentido no momento presente, pois já não tem o mesmo significado do tempo passado.

A paisagem excluída também é um destaque nas falas de ambos os participantes. O entrevistado XVI atribui a essa paisagem o olhar desatento das pessoas para as Ruínas de São Francisco, e por isso, é difícil percebê-las. Já o



entrevistado XVIII olha a paisagem com insatisfação ao ver os grupos excluídos usando as Ruínas para atividades suspeitas.

É válido ressaltar que o entrevistado XVI também percebe a paisagem através do sentido do olfato, ao dizer que o local tem um mal cheiro. Logo, entende-se que a percepção da paisagem é conformada pelas sensações através dos cinco sentidos (Del Rio, 1995). No caso do entrevistado XVI, o sentido da visão e olfato agiram em conjunto auxiliando-o na apreensão da paisagem (TUAN, 1983).

Ao analisar as entrevistas é notável o uso comum de vocábulos. As palavras “abandono”, “abandonadas” e “largadas” aparecem nas falas dos entrevistados. Nesse sentido, entende-se que essas expressões sugerem uma percepção deteriorada da paisagem. Os participantes têm a ideia de abandono por três motivos: I) As Ruínas de São Francisco são de fato ruínas; II) Pela paisagem excluída existente; III) Por ser um espaço vazio de pessoas em alguns períodos do dia; IV) Pela existência de pichações marcadas nas pedras e no entorno das Ruínas.

Alguns entrevistados se mantiveram otimistas quanto a reforma do Belvedere, a qual consta no projeto a inclusão das Ruínas. Esses participantes creem que tal restauração beneficiará a Ruínas de São Francisco no quesito preservação e conservação das mesmas. Além disso, a paisagem poderá ter uma outra perspectiva que não seja de abandono e, sobretudo diferente da paisagem excluída.

A importância histórica foi apontada por alguns entrevistados. Mesmo sem saber a história das Ruínas de São Francisco, esses participantes entendem que a preservação é uma ação relevante, pois elas contam um pouco sobre a história da cidade

As grades revelam um sentido ambíguo. Numa perspectiva as grades têm a função de proteger o que restou da antiga igreja, embora isso não impossibilite que as Ruínas sejam ocupadas ou danificadas. Por outro lado, as grades interferem na percepção, sobretudo na visão da entrevistada X, a qual destaca metaforicamente a tristeza das Ruínas dentro das grades.

De um modo geral, os participantes que apontaram a pichação a entendem como algo negativo. Nesse sentido, a pichação é percebida como sinônimo de sujeira e dano ao patrimônio, além de tornar a paisagem feia e desagradável.

Verifica-se que nenhum dos participantes percebe a paisagem como emergente, nem mesmo as entrevistadas IX e X, as quais foram abordadas em dia de domingo. Como dito anteriormente, os projetos culturais e o Yoga no Parque

foram criados com o objetivo de conferir outros significados a paisagem. Ainda assim, os eventos não aparecem ou interferem na percepção dos participantes.

Ao contrário da paisagem emergente, a paisagem excluída foi percebida pela maioria dos entrevistados. Essa percepção revela muitas vezes o preconceito com os moradores de rua e usuários de drogas. Dessa forma, a intolerância impossibilita uma relação mais aprofundada do sujeito com a paisagem, pois a sua perspectiva é de exclusão.

É preciso também retomar as ideias de Cosgrove (1984), o qual afirma que a paisagem é uma forma de ver o mundo externo. Ao mirar uma paisagem, o nosso olhar está impregnado de cultura e das formas que vemos o mundo. Quando olhamos um objeto na paisagem se percebemos ou não, varia de acordo com essa visão de mundo e cultura.

Diante da análise exposta foi constatado que as pessoas têm percepções diferentes de uma mesma paisagem. Conforme Lowenthal (1982) cada sujeito tem visão de mundo peculiar, pois ele opta e reage ao meio em que está inserido de forma distinta. Enquanto que algumas pessoas perceberam a paisagem através da história ou da memória, outras perceberam os grupos excluídos e as pichações. Isso se deve ao olhar particular de cada sujeito.

## CONCLUSÃO

A pesquisa sendo desenvolvida na esfera da Geografia Cultural foi possível averiguar como as Ruínas de São Francisco, sua paisagem e seus significados através da percepção de diferentes pessoas, de acordo com a problemática e o objetivo geral da pesquisa.

A caracterização do objeto de estudo que permitiu um conhecimento prévio ao leitor sobre a sua trajetória histórica. Identificou-se ainda que as Ruínas de São Francisco são importantes elementos que aparecem em primeiro plano nas produções artísticas, tanto em gravuras quanto na literatura. Isso permitiu compreender como o objeto de estudo dessa dissertação é representado na perspectiva dos artistas.

A realização da pesquisa documental e bibliográfica permitiu um aprofundamento sobre o objeto de estudo. Os materiais analisados e as conversas tidas com os especialistas na Secretaria de Estado da Cultura, no IPPUC e no Instituto de Turismo possibilitaram compreender o processo histórico das Ruínas de São Francisco e ao mesmo tempo tornou-se explícito o porquê sua permanência na paisagem.

Constatou-se que há uma preocupação do poder público em preservar as Ruínas de São Francisco e de criar um espaço que seja aproveitado pela população disponibilizando o palco e as arquibancadas para eventos culturais. O incentivo do Instituto de Turismo para as Ruínas fazerem parte de roteiros apontam para a valorização turística do patrimônio. Além disso, o IPPUC conta com projetos que visam melhorias nas Ruínas de São Francisco e no seu entorno.

Através das reflexões teóricas esclareceu-se não apenas as especificidades do conceito de paisagem, como também sua relação com a história e a memória, visto que ambas também são componentes constituintes da paisagem. Nesse contexto, a história e a memória conformam a paisagem das Ruínas de São Francisco no sentido de que corroboram na reconstituição do passado desvelando a sociedade que a criaram.

Os estudos de Denis Cosgrove (1998) foram fundamentais para relevar as culturas e suas paisagens. Evidencia-se que a cultura dominante sempre esteve presente tanto na idealização da Igreja, na figura do Coronel Manoel Guimarães, quanto no predomínio de templos católicos no bairro São Francisco. Além disso, os



órgãos públicos, no âmbito municipal e estadual, também configuram a cultura dominante, pois os mesmos têm o poder de decidirem os bens que serão tombados e preservados. A cultura alternativa é manifestada nas paredes das Ruínas através das pichações e grafites.

Outras paisagens das Ruínas de São Francisco são reveladas à luz de Denis Cosgrove (1998), destaca-se então a paisagem excluída composta pelos moradores de rua e usuários de drogas; a paisagem emergente constituída por grupos e projetos alternativos; e, por fim, a paisagem residual como resquícios de tempos passados.

Em relação a pesquisa empírica é válido ressaltar que houve uma certa dificuldade em encontrar pessoas dispostas a consentir as entrevistas. Muitas pessoas não apresentaram interesse, além disso a necessidade da gravação causou incômodo, por conta disso ocorreram muitas rejeições. Entretanto, mesmo com as recusas foram realizadas 18 entrevistas.

Com a realização das entrevistas pode-se tecer algumas considerações. De um modo geral, embora algumas pessoas não conheçam a história das Ruínas de São Francisco, de algum modo relacionam com a história da cidade. Por isso, tais entrevistados atribuem uma importância histórica. Ao contrário de outros participantes que entendem as Ruínas de São Francisco desnecessárias por apresentarem um certo abandono pelos órgãos responsáveis por elas.

Ainda foi constatado que as Ruínas formam uma paisagem relacionada a dois tipos de memória. A primeira se refere memória da construção e os acontecimentos ocorridos desde a sua idealização, os quais estão mantidos por instituições e contribui para a história da cidade e do bairro São Francisco. A segunda diz respeito a memória individual, elas estão ancoradas nas lembranças da infância, da adolescência, das rodas de conversas com os amigos ou nas brincadeiras ao redor das Ruínas.

A paisagem excluída foi a que mais os entrevistados perceberam. Notou-se nas entrevistas que o preconceito com os grupos marginalizados impede que as pessoas se relacionem ou se aprofundem mais na sua percepção. O discurso de exclusão social

A escolha da entrevista semiestruturada foi muito válida, pois houve flexibilização da questão posta, isso propiciou melhor compreensão do entrevistado quanto aquilo que estava sendo perguntado. Num primeiro contato, um único

questionamento facilitou a disposição das pessoas em darem entrevista, também colaborou para entender as percepções dos entrevistados.

A pesquisa proporcionou conhecer diferentes pessoas, e conseqüentemente diferentes visões de mundo. Com isso, o resultado das percepções aponta para a afirmação do referencial teórico, o qual diz que cada um percebe o ambiente ao seu redor de acordo com as experiências vividas.

Acredita-se que se a pesquisa tivesse sido realizada em outro tempo, por exemplo entre as décadas de 1950 e 1980, possivelmente as repostas seriam outras. De acordo com a análise documental e com as entrevistadas foi constatado as Ruínas de São Francisco e o seu entorno eram mais utilizadas para lazer. Além disso, os jornais daquela época tratavam o local de forma diferente, enaltecendo-o.

As percepções das Ruínas de São Francisco são muito distintas e diversificadas, por isso os resultados da pesquisa coincidem apenas em parte com o esperado. Esperava-se que a paisagem emergente sobressaísse nas falas dos entrevistados, justamente pelos projetos terem uma proposta oferecem outro sentido a paisagem, contudo isso não ocorreu.

Por fim, a pesquisa executada nesta dissertação pode auxiliar em outras que possam ter interesse nas Ruínas de São Francisco, bem como a relação da paisagem com a percepção. Partindo dos resultados obtidos, a pesquisa ainda contribui para auxiliar o poder público nas ações culturais e de preservação ao patrimônio, por apresentar algumas ideias apontadas pelos sujeitos que participaram das entrevistas.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ABREU, M de. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras: Geografia**, Porto, série I, v. 14, p. 77-97, 1998.
- \_\_\_\_\_. Construindo uma geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. **GEOUSP**, São Paulo, n. 7, p.13-25, 2000.
- ACHARD, P. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2010.
- ADAMS, Betina. **Preservação urbana: gestão e resgate de uma história**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.
- ALKIMIM, A. F. A fenomenologia de Merleau-Ponty. **Revista Eletrônica Pensar da FAJE**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 255-266, 2016.
- ALMEIDA, M. G. de. Aportes teóricos e os percursos epistemológicos da geografia. **GeoNordeste**, Sergipe, v. 19, n.1, p. 33-54, 2008.
- ALMEIDA, R. **A inteligência do folclore**. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1974.
- AMORIM FILHO, O. B. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 11. n. 21/22, p. 67-87, jan/dez. 1999.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **Percepção ambiental: contexto teórico e aplicações ao tema urbano**. Belo Horizonte: Instituto de Geociências da UFMG/Departamento de Geografia, 1987.
- ANDRADE, L. C. R. de. **Conheça Curitiba: a origem, fundação e as marcas do tempo**. Curitiba: Estética, 1997.
- ANDREOTTI, G. **Paisagens Culturais**. Curitiba: Editoria UFPR, 2013.
- ARINOS, Affonso. **Lendas e tradições brasileira**. São Paulo: Typographia Levi, 1917. Disponível em:  
<<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008586&bbm/6834#page/1/mode/2up>>. Acesso em: 28 jun. 2018
- ART NOUVEAU. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em:  
<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br>> . Acesso em: 29 março 2019
- BAHLS, A.V. da S. **Praças de Curitiba: espaços verdes na paisagem urbana**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 30, n. 131, set., 2006.
- BAYARD, Jean-Pierre. **História das lendas**. [S.l.]: Ridendo Castigat Mores Editora. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/lendas.html>>. Acesso em: 28 jun. 2018



BERQUE, A. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 84-91

BESSE, J-M. **Ver a Terra**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BOLLE, W. **A fisionomia da Metrópole Moderna**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

BOSSI, E. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CABRAL, L. O. A paisagem enquanto fenômeno vivido. **Geosul**, Santa Catarina, v. 15, n. 30, p. 34-45, 2000.

CALLIRARI, Mauro. Pichação e grafite. É possível negar veemente a depredação ilegal e abraçar incondicionalmente a arte urbana. **Estado**. São Paulo, 29 jan. 2017. Blog Caminhadas urbanas. Disponível em: < <http://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/caminhadas-urbanas/pichacao-e-grafite-e-possivel-negar-veementemente-a-depredacao-ilegal-e-abracar-incondicionalmente-a-arte-urbana/> >. Acesso em: 05 abril 2018.

CAPEL, H. **Filosofía y ciência en la Geografía contemporânea**: una introducción a la Geografía. Barcelona: Editorial Barcanova, 1983.

CARLOS, A. F. A.; LEMOS, A. I. G. **Dilemas urbanos**: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2005.

CASCUDO, L. da C. **Geografia dos mitos brasileiros**. Belo Horizonte, MG; São Paulo: Ed. Itatiaia: Ed. da USP, 1983

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CASTILHOS, L. **O tempo e a paisagem**: um olhar através de suas dimensões culturais. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/gpit/wpcontent/uploads/2011/03/castilhos-leticia-o-tempo-e-a-paisagem.pdf>>. Acesso em: 09 abril 2016.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CAVALCANTI, A. P. B. Abordagens geográficas no estudo da paisagem. **Revista Breves Contribuciones del I. E.G**, Tucúman, n. 22, 2010/11.

CENIQUEL, M. Paisagem urbana, cenário e percepção: a noção de memória como componente metodológica do projeto. **Paisagem Ambiente Ensaios**, São Paulo, n. 6, p. 85-133, dez., 1994.

CIFFONI, A.L; SUTIL, M. S.; BARACHO, M. L. G. **Centro Histórico: espaços do passado e presente**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2006.

CLAVAL, P. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (orgs.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 59-98.

\_\_\_\_\_. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

\_\_\_\_\_. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. IN: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 35-86p.

\_\_\_\_\_. "A volta do cultural" na Geografia. **Mercator**, Ceará, v. 1, n. 1, jan./jun., 2002.

\_\_\_\_\_. Campo e perspectivas da geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). **Geografia cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p.133 – 195.

\_\_\_\_\_. A paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, Roberto L. ROSENDAHL, Zeny (orgs.) **Paisagens, Textos e Identidades**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004 p. 13-74.

\_\_\_\_\_. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: EDUFSC, 2007.

\_\_\_\_\_. Geografia Cultural: um balanço. **Revista Geografia**, Londrina, v.20, n. 3, p.005-024, set./dez., 2011.

COLLOT, M. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. In: NEGREIROS, C.; LEMOS, M.; ALVES, I. **Literatura e Paisagem em diálogo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. p. 11-28.

COSGROVE, D. **Social Formation and Symbolic Landscape**. London: Groom Helm, 1984.

COSGROVE, D. Prospect, Perspective and the Evolution of Landscape Idea. **Transactions of Institute of British Geographers**, v. 10, p.45-62, 1985.

COSGROVE, D; DANIELS, S. **The Iconography of Landscape**. Cambridge: Cambribge University Press, 1989.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-122.

COSGROVE, D. Mundo de Significados: geografia cultural e imaginação. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org). **Geografia cultural: um século** (2). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. p. 33-60.

COSGROVE, D.; JACKSON, P. Novos rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. (orgs). **Geografia Cultural: Um Século** (2). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p.15-33.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

\_\_\_\_\_. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

\_\_\_\_\_. **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

CORRÊA, R. L. Paisagem e Geografia. In: NEGREIROS, C.; LEMOS, M. ALVES, I. **Literatura e Paisagem em diálogo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. p. 29-44.

CORRÊA, R. L. Denis Cosgrove: a paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 7-21, jan./jun., 2011

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta de criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 51-66.

Dados da cidade de Curitiba do Instituto de Pesquisa e Planejamento de Curitiba. Disponível em: < <http://curitibaemdados.ippuc.org.br/>>. Acesso em: 26 jun. 2018.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?**. São Paulo: Centauro, 2008.

DEBRET, J. B. **Voyage pittoresque et historique au Brésil** (Volume 2). Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3802>>. Acesso em: 31out. 2018.

DEL RIO, V. **Paisagens, realidade e imaginário: a percepção do cotidiano**. Paisagem Ambiente Ensaios, São Paulo, n. 7, p. 93-101, jun., 1995.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: UFSCar, 1999.

DIAS, R. D. Lembrança e nostalgia nos desacordos da memória: a cidade de Florianópolis nas últimas décadas do século XX. **Revista Espaço Plural**, v. 8, n. 17, p.33-38, 2007. Disponível em:



<<http://saber.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/viewFile/1615/1304>>. Acesso em: 17 out. 2018.

DION, S. A lenda urbana: um gênero narrativo de grande mobilidade cultural. Londrina, **Revista Boitatá**, v. 6, n. 6, 2008. Disponível em: <[http://www.uel.br/revistas/boitata/volume\\_6\\_2008/lenda%20urbana%20Sylvie%20ion%20ok.pdf](http://www.uel.br/revistas/boitata/volume_6_2008/lenda%20urbana%20Sylvie%20ion%20ok.pdf)>. Acesso em: 28 jun. 2018.

DUNCAN, J. A paisagem como criação de signos. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 91-132.

\_\_\_\_\_. O supraorgânico na Geografia Cultural americana. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 7–33, jan./jun., 2002.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ERTHAL, R. Geografia Histórica: Considerações. **Geographia**, Niterói, ano 5, n. 9, 2003. Disponível em: <<http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/114/111>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

FENIANOS, E. E. **São Francisco: uma história de monumentos**. Curitiba: Univercidade, 1998.

\_\_\_\_\_. **Almanaque Kurytyba**. Curitiba: Univercidade, 2003.

FERRO, Gaetano. **Sociedade humana e ambiente, no tempo: temas e problemas de geografia histórica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkain, 1986.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: Annablume, 1997.

FORTUNA, C. **Identidades, percursos, paisagens culturais: estudos sociológicos de cultura urbana**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2013.

Fundação de Assistência Social. Disponível em: <<http://www.fas.curitiba.pr.gov.br/>> Acesso em: 26 jun. 2018

FURLANETTO, B. H. **Paisagem do Boi-de-mamão no litoral paranaense: a face oculta do riso**. 212 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, 2014.

GALANI, L. Concórdia: o refúgio dos músicos. **Jornal Gazeta do Povo**. 19 maio 2015. Seção Arquitetura Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/concordia-o-refugio-dos-musicos/>>. Acesso em: 08 abril 2019

GARCEZ, L. A. L. **Curitiba: evolução urbana**. Curitiba: [o autor], 2006.

GARNICA, A. V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface**, Botucatu, v.1, n.1, ago., 1997

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL FILHO, S. F. Igreja Católica Romana em Curitiba (PR): Estruturas da territorialidade sob o pluralismo religioso. **RA'E'GA**, Curitiba, Editora UFPR, n. 7, p. 95-110, 2003.

GOMES, R.A. A. A paisagem na obra de Lowenthal: um percurso a partir das confluências entre cultura e memória. **Geograficidade**, v. 6, n. 2, Inverno, 2016.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GUERRA, E. L. de A. **Manual: Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte: Anima Educação, 2014.

GUIMARÃES, S. T. de L. Paisagens e ciganos: uma reflexão das paisagens de medo, tofília, tofobia. In: ALMEIDA, M. G.; RATTIS, A. J. P. (orgs.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 49-69.

GRATÃO, L. H. B.; MARANDOLA JR. E. Sabor da, na e para Geografia. **Geosul**, Florianópolis, v. 26, n. 51, p. 59-74, 2011.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOLZER, W. **Um estudo Fenomenológico da Paisagem e do Lugar**: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI. 257 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

HOLZER, W. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 149-168.

HOLZER, W. Augustin Berque: um trajeto pela paisagem. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.17/18, p. 55-63, jan./dez., 2004

HOLZER, W. A Geografia Cultural e a História: uma leitura a partir da obra de David Lowenthal. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 19/20, p. 23-32, jan./dez., 2005.

HOLZER, W. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, Edição Comemorativa, p. 137-147, 1993-2008.

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JEUDY, H. P. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1990.

**Jornal G1 Paraná.** 02 maio 2017. Seção Notícia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/centro-e-o-bairro-mais-violento-de-curitiba-em-2017-conforme-mapa-do-crime.ghtml>>. Acesso em: 26 jun. 2018

JR CARNEIRO, A. et al. **Lendas e Contos Populares do Paraná.** Curitiba: Secretaria de estado da Cultura, 2005. Disponível em: <[https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro\\_lendas.pdf](https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/parana/livro_lendas.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2018

KLACEWICZ, A. C. **Lendas, mitos e história:** estudo sobre as narrativas polonesas e gregas. 62 f. Monografia – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

KOWALSKI, R. L. Curitiba registra 140 casos de pichação e faz despiche em praça. **Jornal Bem Paraná.** 14 ago. 2017. Seção Notícias. Disponível em: <<https://www.bemparana.com.br/noticia/curitiba-registra-140-casos-de-pichacao-e-faz-despiche-em-praca->>. Acesso em: 26 jun. 2018

KOZEL, S; SILVA, J, da C; GIL FILHO, S. F. (orgs.) **Da percepção e cognição à representação:** reconstruções teóricas da geografia e humanista. São Paulo: Terceira margem, 2007.

LEAHY, Anthony. **Curitiba:** 316 anos de história, tradição e identidade. Curitiba: Instituto Memória, 2009.

LE GOFF, J. **História e Memória.** Campinas: Unicamp, 2013.

LEMINSKI, Paulo. **Ensaio e anseios crípticos:** ensaios. Curitiba, PR: Inventar, 2014.

LOWENTHAL, D. Time, Present Place: Landscape and Memory. **Geographical Review**, v. 65, n. 1, p. 1-36, jan., 1975.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e Imaginação: Em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: DIFEL, 1982. p. 103-141.

LOWENTHAL, D. Como conhecemos o passado. **Projeto História**, São Paulo, v. 17, jul./dez., 1998.

LOWENTHAL, D. **El pasado és un país extraño.** Madrid: Ediciones Akal, S.A, 1998.

LOWENTHAL, D. **Living with and looking at landscape.** Landscape Research, v. 32, n. 5, p. 635-656, 2007.

MALANSKI, L. M. Geografia Humanista: percepção e representação espacial. **Revista Geográfica de América Central**, n. 52, p. 29-50, jan/jun. 2014.



MÄNNICH, C. **Centro Histórico de Curitiba: Múltiplas Percepções**. 142 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MANZINI, E. J. Entrevista Semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. **Anais...** Bauru: USC, 2004.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARINA, D. L. **Hoje é celebrado São Francisco de Paula**. Disponível em: <<https://www.acidigital.com/noticias/hoje-e-celebrado-sao-francisco-de-paula-28617>> Acesso em: 01 out. 2018.

MAXIMIAMO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. Revista **RA'E'GA**, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004.

MEINIG, D. O olho que observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 16, p-35-46, jul./dez., 2003.

MELO, V. L. M. de O. A paisagem sob a perspectiva das novas abordagens geográficas. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, 10, 2005, São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, 2005, p. 9146-9165.

MENESES, U.T.B. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo. **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 29-64.

MINAYO, M. C. de S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?. **Cadernos Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9. n. 3, p. 239-262, jul./set., 1993.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2000.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONDADA, L; SÖDERSTRÖM, O. Do texto À interação: percurso através da geografia cultural contemporânea. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 133-156.

NAME, L. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **Geotextos**, v. 6, n. 2, p. 163-186, dez., 2010.

NOGUEIRA, A. R. B. Uma interpretação fenomenológica na geografia. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, 10., 2005, São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, 2005, p. 10243-10262.

NORA, P. Entra a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, jul./dez., 1993.

NÓRCIO, L. São Francisco de Paula: a Igreja que não acabou. **Jornal Domus Dei**, Curitiba, n.1, jul., 2007.

OLIVEIRA, L.; MACHADO, L. M. C. P. A percepção da paisagem como metodologia de investigação geográfica. In: Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2. 1989, Montevideo, Uruguai, 1989. **Anais...** Montevideo, Uruguai, 1989, p.313-323.

OLIVEIRA, L. Percepção e representação do espaço geográfico. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Carlos: Studio Nobel, Editora da UFSCar, 1999.

OLIVEIRA, L. Percepção ambiental. **Geografia e Pesquisa**, Ourinhos, v. 6, n. 2, p. 56-72, jul./dez. 2012.

OLIVEIRA, Nira de. **Uma arquitetura para além de seus muros**. Curitiba, PR: Ed. do Autor, 2016.

PECCIN, B. Em meio à insegurança e violência, São Francisco ganha homenagem. **Jornal Gazeta do Povo**. 16 dez. 2016. Seção Cinema. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/em-meio-a-inseguranca-e-violencia-sao-francisco-ganha-homenagem-6xovm1yxf993u22gpjs0h4g6f>>. Acesso em: 26 jun. 2018

PEDROSA, Breno Viotto. Sauer, Boas, Kroeber e a cultura superorgânica: notas sobre a relação entre geografia e antropologia. **Revista Confins**, n. 23, 2015.

PEREIRA, L. A. G.; CORREIA, I. S.; OLIVEIRA, A. P. Geografia Fenomenológica: Espaço e Percepção. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 11, n. 35, p. 173-178, set., 2010.

PEREIRA, L. M.; VIEIRA, B.V.G. Ensaio e anseios crípticos, de Paulo Leminski: Poesia e Crítica. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 31, n. 1, jan/jun. 2015.

PINCHEMEL, P. Biografia de Eric Dardel. In: DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

PIVA, N. Curitiba tem 1,7 mil moradores de rua; maioria tem família na região. **Jornal Gazeta do Povo**. 30 jun. 2016. Seção Vida e Cidadania. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/futuro-das-cidades/curitiba-tem-17-mil-moradores-de-rua-maioria-tem-familia-na-regiao-cg6hv3l51sk3lgov4bd8dneil/>> Acesso em: 26 jun. 2018.

POLLAK, M. Esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, jan./jun., 1989.

POLLAK, M. Memória e Identidade social. **Estudo Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, jul./dez., 1992.

SALGUEIRO, H. A. **Por uma nova História Urbana: Bernard Lepetit**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SALGUEIRO, T. B. Paisagem e Geografia. **Finisterra**, v. 36, n. 72, p. 37-53, 2001.

SANTOS, A. C. de A. **Memórias e cidade: depoimentos e transformação urbana de Curitiba** (1930 – 1990). 1995, 179 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1995.

São Francisco de Paula. Disponível em: < <https://www.veritatis.com.br/sao-francisco-de-paula/> > Acesso em: 01 out. 2018.

SAUER, C. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Paisagem Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998. p. 12-74.

\_\_\_\_\_. Foreword the historical geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 31, n. 1, p. 1-24, 1941.

\_\_\_\_\_. The personality of Mexico. **The Geographical Review**, v. 31, n.3, p. 353-364, jul., 1941.

SECRETARIA da Cultura do Paraná. Pintores da paisagem paranaense. Curitiba, PR: Secretaria de Cultura, 2001.

SEEMANN, J. Geografia cultural: a inovação da tradição ou a tradição da inovação?. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 9/10, jan./dez., 2000.

SEEMANN, J. A morfologia da paisagem cultural de Otto Schlüter: marcas visíveis da geografia cultural?. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 65-76, jan./dez., 2004.

SERPA, A. Percepção e Fenomenologia: em busca de um método humanístico para estudos e intervenções do/no Lugar. **Olam - Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, v. 1, n. 2, p. 29-61, nov., 2001.

SIMMEL, G. A filosofia da Paisagem. **Revista Política e Trabalho**, n. 12, p. 15-24, set., 1996.

SILVA, L. M. T. da. **Trajetória pela geografia histórica**. Disponível em: <<http://ligiatavares.com/gerencia/uploads/arquivos/6e335458983ad05c5614cd70d4410ef8.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2018

SILVA, M. W. da. A Geografia e o estudo do passado. **Revista Terra Brasilis**, Niterói, v. 1, 2012. Disponível em: < <http://terrabrasilis.revues.org/246> >. Acesso em: 20 jun. 2018.



SOUZA, David da Costa Aguiar de. **Pichação carioca: etnografia e uma proposta de entendimento**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

SOUZA, L. A. C, de. **Entre as transformações na paisagem e o sentido de lugar: o caso do Paço da Liberdade (Curitiba, Paraná, Brasil)**. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, 2013.

SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na Geografia. **RA'E'GA**, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003.

ROCHA, G. A imaginação e a cultura. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v.11, n. 2, p. 167-187, jul./dez., 2016.

ROCHA, L. B. Fenomenologia, Semiótica e Geografia da Percepção: alternativas para analisar o espaço geográfico. **Revista da Casa de Geografia de Sobral**, Sobral, v.4/5, p. 67-79, 2002.

Ruína. In: Dicionário Aurélio Online. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>>. Acesso em: 20 jun. 2018

Ruínas de São Francisco: história do Alto de São Francisco de Paulo, Curitiba. Boletim Informativo da Casa Romário Martins, ano V, nº 32.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRES, M. A. **A paisagem sonora da Ilha dos Valadares: percepção e memória na construção do espaço**. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, 2009.

\_\_\_\_\_. **Os sons que unem: a paisagem sonora e a identidade religiosa**. 241 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

VARGAS, I. A. de. Paisagem, Território e Identidade: uma abordagem da Geografia Cultural para o Pantanal Mato-grossense. In: KOZEL, S.; SILVA, J. da C.; GIL FILHO, S. F. (orgs). Da percepção e cognição a representação: reconstruções

teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2007. p. 158-178

WAL, D.; JUNIOR, K. I. **O que é morar no São Francisco**. Curitiba: Ponto41, 2016.

WAL, D. **O que é morar no São Francisco**. 2016. (54m50s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4NWH2gPQwaA>>. Acesso em: 10 out. 2018.

WEITZEL, H. A. **Literatura e Linguagem folclórica**. Juiz de Fora: Centro de Estudos Sociológicos de Juiz de Fora, 1976.

WRIGHT, John. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia. **Geograficidade**, Niterói, v. 4, n. 2, Inverno, 2014.

## APÊNDICE

### APÊNDICE 1 – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

#### Roteiro para entrevista

##### Dados gerais

Data:

Turno: Manhã ( ) Tarde ( ) Noite ( )

Local:

Dados do entrevistado

Profissão: \_\_\_\_\_

Turista ( ) Naturalidade: \_\_\_\_\_ Nacionalidade: \_\_\_\_\_

Morador do Bairro São Francisco ( ) Há quanto tempo é morador? \_\_\_\_\_

Morador de outro bairro ( ) Nome do bairro: \_\_\_\_\_

#### **Questão balizadora.**

Qual a sua percepção sobre as Ruínas de São Francisco?